

### III

#### A EXPOSIÇÃO LONDRINA DE 1851 NA IMPRENSA PORTUGUESA COEVA – ALGUMAS NOTAS E UMA ANTOLOGIA DE DOCUMENTOS

Em torno desse grande acontecimento internacional que foi a *Great Exhibition*, pelo qual o Reino Unido se converte em tema incontornável da actualidade no ano de 1851, condensam-se todos os lugares-comuns, tanto de sinal negativo como de sinal positivo, que atravessam o século no que respeita às relações entre os dois povos e os dois países. Desta forma, o levantamento de dados dos periódicos – fonte, à partida, privilegiada para uma apreciação da opinião pública ou da opinião incutida ao público – revela que boa parte das ideias-feitas sobre o Reino Unido se concretizam e se confirmam perante o evento londrino, que, de uma maneira geral, não terá ocasionado a sua revisão ou a sua crítica. Porque o impacto da Exposição entre nós se inscreve na continuidade dos preconceitos que afectaram a relação entre Portugueses e Ingleses ao longo de Oitocentos, parece útil discriminar, ainda que muito sumariamente, algumas linhas dessa *imagem* das realidades de além-Mancha. Para todos os efeitos, essa imagem condiciona as expectativas, a comunicação e o entendimento da *Great Exhibition*. A sua persistência sugere que o ano de 1851 foi uma ocasião perdida para a efectiva aproximação e para o conhecimento mútuo dos velhos aliados.

O século XIX, praticamente, abriu com a presença em Portugal de tropas britânicas, que vieram auxiliar a resistência ao invasor francês, mas veio a ser de igual modo – se não mais fundamente – marcado pelos ressentimentos gerados pelo governo de Beresford, no primeiro quartel ainda, e pela disputa de África, no último. As reacções à morte de Gomes Freire e as reacções ao Ultimatum traduzem o impacto popular, político e até constitucional (na medida em que as respectivas ondas de choque contribuíram para o esgotamento do regime absolutista e para o descrédito da própria monarquia) que tiveram as tensões luso-britânicas naquelas duas conjunturas históricas. Pelo meio, nota-se a percepção mais ou menos difusa

de que a relação comercial privilegiada entre os dois países, firmada por meio de diversos tratados, nomeadamente no que concernia aos vinhos, beneficiava unilateralmente o Reino Unido.

Na sua face negativa, a relação de Portugal com o Reino Unido neste período compõe-se, portanto, de descontentamento, desconfiança, orgulho ferido, atingindo mesmo, pontualmente, a indignação popular. Exemplo sobremaneira interessante e mal conhecido dessa atitude de reserva é o periódico *Microscopio de Verdades*, que Francisco de Alpuim e Menezes redigiu e publicou em Londres nos anos de 1814 e 1815. O primeiro número da publicação é praticamente todo dedicado a historiar as relações entre Portugal e o Reino Unido, assumindo o jornalista uma postura marcadamente opinativa e interventiva (avulta a contestação da validade do tratado de comércio luso-britânico de 1810 entre os seus objectivos de maior premência), com pouca simpatia para com os Ingleses. De uma maneira geral, é esse o tom e o teor dos números restantes do periódico. Sem deixar de mostrar conhecimento de diversos aspectos da cultura britânica, nomeadamente nos domínios da História, da Teologia, das leis e do comércio, Menezes apresenta, a dado momento, as relações entre os dois povos como um caso de desamor recíproco:

O desprezo com que alguns dos Escriutores Inglezes, e alguns dos Membros dos seus Parlamentos, quando escrevem, ou fallão de Portugal tratam a nossa Nação: e aquelle em que a maior parte da Nação Britannica nos tem, por ser huã das primeiras lições, que a mocidade Ingleza aprende nas suas Geographias; merece ser particular objecto da reflexãõ de todo o literato.<sup>1</sup>

A britanofobia tácita que ressalta do periódico aparece, assim, como que em resposta a essa atitude, alegadamente a raiar a lusofobia, que se atribui aos Ingleses. Menezes sustenta ainda

Que a Inglaterra talvez deva a Portugal, o não ter experimentado huã convulsãõ interna, que este só deve áquella os esforços que tem feito para aniquilar a sua industria, e arruinar o seu commercio; que se os Inglezes tem valor marcial lho communicaraõ os Portuguezes por huã especie de machina electrica; e que á vista das suas gazetas, e dos nossos jornaes não ha de ser nem a Gram Bretanha, nem Portugal o juiz

---

<sup>1</sup> *Microscopio de Verdades; ou, Oculo Singular, para o Povo Portuguez ver puras, e singelas verdades...*, n.º 4 [erradamente numerado 2 no rosto] (1814), p. 3.

imparcial, que ha de julgar do verdadeiro, e maior merecimento das duas naçoens, haõ de ser as outras, a Prussia que nas proclamaçoens do governo nos propoz para modellos, e exemplares de que os seus vassallos deviaõ tirar copias para os [sic] seu comportamento; a França que.... mas para que me dilato mais com huã cousa taõ sabida!<sup>2</sup>

Menezes foi servidor e defensor da causa absolutista, durante o reinado de D. João VI e, mais tarde, com D. Miguel, mas as atitudes de britanofobia ou britanofilia de modo nenhum estremam facções políticas – podem, isso sim, reflectir-se nas razões pelas quais os autores cultivam a simpatia ou a hostilidade perante as realidades britânicas. Bons exemplos disso são as ambiguidades e mudanças de opinião de um José Agostinho de Macedo e de um Garrett.

Em contraponto com expressões de antipatia como as do *Microscopio de Verdades*, pode apontar-se uma outra ideia-mestra das relações luso-britânicas no século XIX, aquela que identifica o Reino Unido como terra de liberdade. Esta ideia é desde logo glosada na imprensa do exílio liberal em Londres. Assim sucede no *Correio Braziliense*, que publica um longo «Paralelo da Constituição Portuguesa com a Ingleza», com o desejo inequívoco de transpor para a cultura cívica dos Portugueses e para a ordem institucional que os rege o exemplo britânico<sup>3</sup>. Significativamente, publica também uma versão portuguesa do panfleto de Milton *Areopagítica*<sup>4</sup>. Alguns anos depois, um jornal de alinhamento político semelhante, *O Cidadão Literato*, ostenta em posição de epígrafe, a dominar o seu primeiro número, uma citação de Algernon Sidney do seguinte teor: «A Liberdade é a mãe das virtudes, da ordem, e duração dos Estados; a escravidão, pelo contrario, não produz senão vícios, baixeza, e miseria». E no texto de apresentação congratulam-se os responsáveis com o facto de «A Europa começ[ar] de manifestar, mal que peze ao Despotismo, de um modo decisivo, grande progresso na intelligencia dos direitos, e obrigações sociaes [...]», referindo um significativo contingente de ingleses entre os «[...] defensores da Humanidade [que] são, e forão em todo o tempo o terror dos tyrannos [...]»: Milton, Pym, Sidney, Hampden, Buchanan<sup>5</sup>. Também em *O Chronista*, repetidamente, se manifesta admiração pela

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, n.º 7 (1815), p. 111.

<sup>3</sup> Este longo ensaio comparativo, não assinado, vem à luz a partir do n.º 15 (erradamente numerado 16), de Agosto de 1809, do Vol. IV do *Correio Braziliense* e prolonga-se até ao volume seguinte.

<sup>4</sup> Cf. *ibidem*, Vol. IV, n.º 24 (Maio de 1810), pp. 479-503; e n.º 25 (Junho de 1810), pp. 616-639.

<sup>5</sup> *O Cidadão Literato*, n.º 1 (Janeiro de 1821), p. xii.

constituição política britânica. Num texto que podemos presumir ser da pena de Garrett, o autor professa «[...] desejar para a minha patria [...] aquella tranquillidade liberdade que faz a ventura da Gran-Bretanha, a maior potencia da terra [...]»<sup>6</sup>. Fora do âmbito da imprensa periódica, aliás, o Reino Unido é tratado como país de sistema político exemplar, com algumas referências à evolução histórica do mesmo sistema, num documento emanado do Partido Reformista, onde se lê:

A historia constitucional da monarchia britannica, porque é a mais dilatada e a mais copiosa de factos parlamentares, offerece no decurso de muitos seculos os mais notaveis exemplos da luta constitucional, e da successiva evolução, pela qual o povo tem procurado em cada epocha restaurar o equilibrio, amiudadas vezes rôto pela audaz preponderancia dos soberanos.<sup>7</sup>

Além de país livre – e, sugere-se por vezes, precisamente porque é livre –, o Reino Unido é um país poderoso. *O Popular*, por exemplo, apresenta-o como um colosso que domina os mares: «[...] o Gigante d'Albião, levantado sobre canhoens em cima de fluctuantes castellos, pejado de riquezas e baionetas»<sup>8</sup>. António Feliciano de Castilho, num poema pejado de indignação antibritânica, fala em «[...] das vagas rainha abominosa, / refalsada Albion [...]»<sup>9</sup>. Herculanó, por seu turno, em *De Jersey a Granville*, reconhece ser o Reino Unido a «Primeira nação do mundo, como potencia material; representando nos tempos modernos uma imagem da antiga Roma [...]», mas considera que é intelectualmente inferior à França e à Alemanha. O Reino Unido, assegura, actua pela força, e «[...] o temor das esquadras, o apparatus do poder, as insolencias do forte contra o fraco só geram odios fundos, que se vão legando de paes a filhos; que se vão accumulando no thesouro commum das gerações que vem surgindo»<sup>10</sup>.

É bem de ver que o poderio britânico não é apenas político e militar, verificando-se também, e aliás de forma decisiva, no plano económico e no avanço do conhecimento científico, que se reflecte imediatamente na técnica, na conversão

---

<sup>6</sup> *O Chronista*, n.º 24-26 (1827), pp. 239-240.

<sup>7</sup> *Projecto de lei para a Reforma da Carta Constitucional apresentado á Camara Electiva em Sessão de 16 de Agosto de 1861 pelos Deputados do Partido Reformista*. Lisboa: Typographia do Futuro, 1871, pp. 6-7.

<sup>8</sup> «Hespanha», in *O Popular*, Vol. I, n.º 3 (1824), p. 200.

<sup>9</sup> CASTILHO, António Feliciano de – «Epistola», in *Excavações Poeticas*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1904, Vol. I, p. 156.

<sup>10</sup> HERCULANO, Alexandre – *Lendas e Narrativas*. 28.ª ed.. S.l.: Bertrand, s.d., Vol. II, pp. 320-321.

dos saberes à utilidade e à produção de riqueza. É sintomático que os colaboradores de *O Panorama*, quando abordam questões técnicas e científicas, não raro remetam para as descobertas e invenções realizadas por cidadãos britânicos, deixando transparecer, aqui e ali, um certo sentimento de assombro. Encontramos, assim, artigos sobre o «Caminho de Ferro entre Londres e Greenwich», sobre uma «Ponte-Estrada no Caminho de Ferro sobre o Avon», sobre a «Machina Locomotiva», a «Machina de Cavar» e a «Machina para Encurvar as Madeiras», reveladores da posição de vanguarda que o Reino Unido ocupa no domínio da técnica<sup>11</sup>. Mas dá-se também o reverso do progresso, tratando-se «Da Sorte dos Meninos nas Minas de Inglaterra»<sup>12</sup>.

*O Panorama*, de resto, é um periódico que merece uma referência especial pela sua ambição de promover o conhecimento das realidades britânicas entre nós. Trata-se de um órgão maior da cultura liberal-romântica de meados de Oitocentos – maior porque muito eclético, pela seriedade das suas intenções culturais e cívicas, pela craveira dos inspiradores e colaboradores, pelo próprio volume de texto, impacto e duração que atingiu. Especialmente reveladoras de interesse pela divulgação da cultura britânica são as biografias e notas históricas que *O Panorama* publicou. Juntam-se-lhes apontamentos de costumes, de viagens, descrições de lugares e de monumentos, combinando a geografia com a história da arte e a etnografia. No seu conjunto, tais artigos oferecem um tratamento quase enciclopédico das artes, ciências, técnicas, política e história colectiva do povo inglês. Trata-se de um acervo documental de grande interesse, que aguarda ainda o devido estudo sistemático<sup>13</sup>.

O que o Reino Unido também é, decididamente, em coerência com a ideia que se faz do seu poder e do seu desenvolvimento, é um país de trabalho, de actividade incessante. No próprio ano da Exposição, a *Revista Universal Lisbonense*, ao traçar um roteiro da capital britânica (da autoria de um visitante do evento de Hyde Park, talvez), informa que

[...] Londres não é mais do que um imenso cortiço; as suas casas são os alveolos da colmeia, e essa população diligente, industriosa é

---

<sup>11</sup> Cf., respectivamente, *O Panorama*, 1.ª série, Vol. IV, n.º 159 (16.5.1840), pp. 157-158; Vol. V, n.º 228 (11.9.1841), p. 289; 2.ª série, Vol. I, n.º 17 (23.4.1842), pp. 133-135; 3.ª série, Vol. II, n.º 39 (24.9.1853), p. 308; 4.ª série, Vol. II, n.º 14 (3.4.1858), p. 112.

<sup>12</sup> Cf. *ibidem*, 3.ª série, Vol. I, n.º 5 (3.10.1846), pp. 39-40; e n.º 6 (10.10.1846), p. 48.

<sup>13</sup> Quase invariavelmente, os artigos não são assinados. Muitos deles são acompanhados de gravuras. *O Panorama* não se debruça sobre a Exposição de 1851 porque a sua publicação é interrompida entre Novembro de 1847 e Setembro de 1852.

um enxame de abelhas. Nada me ocorre que possa dar cabal idéa da prodigiosa actividade que reina em as doze mil ruas, que são como as arterias e as veias daquelle corpo gigante, senão as immediações de um formigueiro no momento em que algum rapaz acaba de introduzir uma palha nos caminhos da cidade subterranea; e ainda isto é uma imagem bem fraca.<sup>14</sup>

De forma semelhante, a descrição que Eça faz do Inverno londrino inclui referência às numerosas tipóias que passam na noite, em cada uma das quais «[...] vai um cidadão ou uma cidadã cometendo ou preparando-se para cometer, *com excepção da preguiça*, um dos sete pecados mortais»<sup>15</sup>.

Repare-se que a admiração que, a um ou outro título, o contacto directo com o Reino Unido suscita é afectada, nestas últimas citações, por conotações ou considerações de sinal negativo. Ora, é um facto que entre os estereótipos da época se contam expressões de desagrado perante o carácter e o comportamento dos Ingleses. Nas suas «Recordações de Italia», António Pedro Lopes de Mendonça tem este desabafo, este dislate ou o que se lhe queira chamar: «A vista de um inglez, causa-me sempre tristeza. A lingua ingleza produz-me invariavelmente *spleen*». E regista também este episódio:

No laboratorio dos monges [da Cartuxa de Pavia] que é de marmore de Carrara, estive eu a ponto de fazer um furto; era, de resto, tão minimo, que nem podia ser considerado peccado venial. Arranquei a rolha de marmore, para a trazer como reliquia: depois, lembrando-me que me assemelhava a qualquer lord inglez, que se suppõe com direito de levar para a nebulosa Albion, tudo quanto póde haver á mão, arrendi-me, e deixei-a no seu logar.<sup>16</sup>

Relevará isto de pudor, de escrúpulo genuíno perante a perspectiva de cometer um crime, de antibritanismo puro – ou de inveja disfarçada? O certo é que a ideia de que os Ingleses andam pelo mundo a apoderar-se indevidamente do que lhes não pertence se encontra algo disseminada. Em *O Pirata*, num texto humorístico

---

<sup>14</sup> «Curiosidades de Londres», in *Revista Universal Lisbonense*, Vol. X, n.º 40 (12.6.1851), p. 480.

<sup>15</sup> QUEIRÓS, Eça de – «O Inverno em Londres», in *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. Lisboa: Livros do Brasil, s.d., pp. 38-39 (itálico nosso).

<sup>16</sup> *Revista Universal Lisbonense*, Vol. X, n.º 37 (22.5.1851), p. 438; n.º 47 (31.7.1851), p. 559.

sobre os «Costumes Inglezes», faz-se referência às pilhagens mais ou menos sérias dos viajantes britânicos:

Já que vai á Italia, disse [um inglês a outro], peço-lhe me traga um pedaço de cada uma das obras primas que por lá vir. Aqui tem umas tesouras para me cortar uma vara da *Transfiguração* e algumas pollegadas da *Virgem dos peixes*, e com este martello quebre todos os narizes e dedos das estatuas de Miguel Angelo, e trága-mos.<sup>17</sup>

O interlocutor promete não se esquecer do pedido. E Pinheiro Chagas, num ensaio sobre a poesia de Teófilo Braga, recomenda ao autor de *Visão dos Tempos* que «Não imite lord Elgin, arrancando aqui e acolá aos monumentos gregos uma pedra, uma estatua, um columnelo»<sup>18</sup>.

O texto de Castilho atrás referido, composição de temática política em que o poeta se dirige a D. Miguel expondo a estranha acusação de que o Reino Unido o teria apoiado, inclui uma alusão ao juízo desabonatório que Byron fez dos Portugueses no Canto I de *Childe Harold's Pilgrimage*. O escritor português procura desafrontar a pátria, em termos que denotam forte agastamento:

¡E ousar d'esses Bretões o bardo altivo  
(¡maldições á injustiça até do genio!)  
ousar chamar ao lusitano – *Escravo*,  
*e dos escravos o infimo* – quando elles,  
mais que ninguem, nos ferros nos retinham!  
¡quando nos pactos improbos da força  
o luso sangue, a lusa liberdade  
era por elles sotoposta ao oiro!  
¡Fomos servos, mas servos insoffridos;  
servos sempre em murmurio, e odiando-os sempre;  
servos, que dos grilhões fisemos armas,  
e te affrontámos, despota, e vencemos,  
e somos livres, e o seremos sempre,  
a despeito de ti, de Albion, do mundo!<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> «Costumes Inglezes. A Lua de Mel», in *O Pirata*, Vol. II, n.º 16 (Setembro de 1851), p. 123.

<sup>18</sup> CHAGAS, Pinheiro – «Theophilo Braga», in *Ensaio Criticos*. Porto: Em Casa de Viuva Moré, 1866, p. 83.

<sup>19</sup> *Op. cit.*, p. 162.

As observações sobre o povo e a cidade de Lisboa feitas por Byron ficaram na memória de numerosos literatos portugueses, e, se não obstaram a que Byron se tornasse uma importante referência literária, também a admiração que granjeou não impediu que lhe dessem resposta. Foi o que fez, entre outros, João de Lemos, num poema de exaltação patriótica em que repudia a injúria por injusta e, respondendo na mesma moeda, afirma que os pescadores «Ahi n'umas ilhas sem nome inda ter», antepassados de ingleses soberbos como Byron, devem aos Portugueses o saberem trilhar os mares em busca de riquezas:

Vieram submissos; e então inda nojo  
Da nossa immundicia nenhum leva lá;  
Se os visseis, fidalgo! se os visseis de rojo,  
Aqui, n'esta lama que temos por cá!<sup>20</sup>

A sobrançeria do poeta inglês estará relacionada com a abusiva tendência, que se atribui aos Ingleses, para tomarem de assalto os lugares em que por acaso ou deliberação se encontram. A forma como a sobrançeria assim postulada se projecta na literatura pode ser observada na composição da figura de mestre Ouguet, no conto de Herculano «A Abóbada». O arquitecto inglês ufana-se de mais competente do que o velho mestre Afonso Domingues, de quem desdenha mesmo após a sua morte, mas é afinal menos sabedor do que ele. O sentimento de superioridade nacional que o possui leva-o a desprezar, ao que parece generalizadamente, os naturais do país que o acolhe. Diz ele com arrogância:

Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senão um país sáfaro e inculto? Sois vós, homens brigosos, capazes dos primores das artes ou, sequer, de entendê-los?... Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a ele: eu que vi os mistérios de Covêntria e de Widkirk! Miseráveis selvagens, antes de tentardes representar mistérios, fora melhor que mandásseis vir alguns irmãos da Sociedade dos Escrivães de Paróquia de Londres, que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e trejeitos usados em semelhantes autos.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> LEMOS, João de – «A Lord Byron», in *Cancioneiro*. Lisboa: Escriptorio do Editor – Rua dos Fanqueiros, 1859, Vol. II, p. 244. Devemos a um amigo, o Dr. Francisco Martins, o ter chamado a nossa atenção para este poema.

<sup>21</sup> HERCULANO, Alexandre – *Lendas e Narrativas*. Pref. Vitorino Nemésio. Venda Nova: Bertrand, 1992, Vol. I, p. 222.



Também as narrativas *De Jersey a Granville* e *O Pároco de Aldeia* são ricas em remoques dirigidos aos Ingleses. Tal não impediu, em todo o caso, que a cultura britânica surgisse a Herculano, e bem assim a outros seus contemporâneos, como uma alternativa válida a contrapor à influência cultural da França, por eles sentida como excessiva. A permeabilidade de Herculano ao romance histórico de Walter Scott é prova disso mesmo.

As nossas referências concentram-se nos dois terços iniciais do século XIX. O facto de documentação concernente às relações luso-britânicas nas últimas décadas de Oitocentos, com destaque para o Ultimatum e para o seu impacto no periodismo, na opinião pública e na própria escrita literária, ter sido já extensa e aprofundadamente tratada por Maria Teresa Pinto Coelho no seu estudo *Apocalipse e Regeneração*<sup>22</sup> dispensa-nos de alargar o âmbito dos nossos apontamentos, nas linhas que vimos prosseguindo, a esse período. Todavia, a título complementar, gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para sugerir o interesse de se considerar, no estudo destas matérias, certas obras estrangeiras, nomeadamente francesas, que circulavam em Portugal no século XIX. Trata-se de obras que terão contribuído para a formação de uma determinada imagem do Reino Unido e cujo cabal conhecimento passa por um confronto atento das traduções com os respectivos originais, tarefa que não pudemos levar a cabo. A própria dimensão global desta mediação (ou intromissão) francesa está por determinar, sendo de admitir que a orientação francófila dominante no nosso sistema cultural oitocentista nos tenha tornado receptores, de diversas formas, dos preconceitos que além-Pirenéus grassavam sobre os vizinhos ilhéus que eram rivais e inimigos seculares. Limitamo-nos, pois, a alinhar modestamente algumas notas, incidindo antes de mais sobre duas obras de que saiu tradução portuguesa no ano do célebre memorando diplomático inglês de 11 de Janeiro.

O livro de Max O'Rell *John Bull e a sua Ilha* compõe-se de um diversificado conjunto de informes e impressões do povo inglês, com abundantes laivos de humor e caricatura. Longe de constituir uma relação circunstanciada da vida dos Ingleses, do seu carácter, das suas cultura e instituições, a obra reproduz alguns lugares-comuns já nossos conhecidos, com a particularidade de velar a crítica por uma atitude dominante de simpatia para com o povo observado. Isto nota-se desde logo no aproveitamento da figura-tipo nacional que é John Bull:

John Bull [...] é um ser essencialmente razoavel, reflectido e moral: bate-se para fazer caminhar o commercio, para manter a paz e a boa

---

<sup>22</sup> COELHO, Maria Teresa Pinto – *Apocalipse e Regeneração: O Ultimatum e a Mitologia da Pátria na Literatura Finissecular*. Lisboa: Cosmos, 1996.

ordem sobre a terra, e para o bem do genero humano em geral. Se faz a conquista d'um povo, é para lhe fazer ganhar dinheiro e dar-lhe a conhecer a Biblia; é, n'uma palavra, para assegurar a sua felicidade n'este mundo, e a sua salvação no outro: obra prima de moral, como se vê.<sup>23</sup>

Afirma o autor que as colónias britânicas não são palcos para a arte da guerra, como as colónias da França, mas «[...] emporios de commercio, succursaes da firma social John Bull & C.<sup>a</sup>». E sustenta ainda que o inglês, nos negócios, «É frio, glacial, e parecer-nos-hia quasi incivil», e que em todas as circunstâncias segue uma ética de individualismo e livre iniciativa:

Em viagem, como em toda a parte, cada um por si. [...] O inglez, que corre mais que o seu semelhante, não percebe porque é que não ha de apanhar o seu lugar, se fôr mais ligeiro do que elle. *Competition open to all, the fittest will survive*. É a divisa do livre cambio e de todo o paiz.<sup>24</sup>

Na obra de Jean-Baptiste Camille Debans *A Ruina da Inglaterra* transparece uma atitude bem diferente daquela que encontramos no livro de Max O'Rell. Trata-se de uma narrativa em que a antipatia do autor pelos Ingleses – e, especificamente, pelo seu poderio – é bem sensível, sendo-lhe justaposto um «Post-Scriptum Vingador» em que o autor assume detestar os Ingleses «[...] como governo, como povo e como homens». E explica deste modo a sua posição:

Odeio-os, primeiro porque elles nos odeiam cordialmente e mostram-n'ò a cada instante. Odeio-os, porque são incommodos, porque se mettem incessantemente com o que lhes não importa, porque logo que se vêem no solo d'um paiz que lhes não pertence, tratam-n'ò como terra conquistada; porque não são honrados nem politicamente, nem commercialmente, nem humanamente; porque não são delicados nem em Inglaterra, nem em parte alguma; porque emfim quaesquer relações

---

<sup>23</sup> O'RELL, Max – *John Bull e a sua Ilha*. Trad. Pinheiro Chagas. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, [1890], p. 3. Max O'Rell é pseudónimo de Paul Blouet. *John Bull et son Ile* é apenas um dos seus livros de crónica e reportagem sobre a Inglaterra, onde o jornalista francês viveu durante vários anos. Não sabemos exactamente quando saiu a obra pela primeira vez. Pudemos ver uma edição de 1883 que era já a 19.<sup>a</sup>.

<sup>24</sup> *Ibidem*, pp. 5, 15 e 17.

com os Inglezes são detestaveis em nossa casa, em casa d'elles, em outros sitios, em toda a parte.<sup>25</sup>

Seria decerto muito interessante apurar que fortuna tiveram obras como estas, junto do público e junto da critica, no ano do Ultimatum. Todavia, apenas nos encontramos em condições de apontar estas linhas de investigação como potencialmente produtivas e a prosseguir proximamente. De qualquer forma, para que não seja dada a impressão de que o problema da mediação francesa se coloca somente no final do século, valerá a pena referir um texto que antecede os de O'Rell e de Debans, e cujo relevo é acrescido pelo trabalho de comentário que o tradutor determinou empreender.

*O Futuro de Inglaterra*, da autoria de Charles Forbes, conde de Montalembert, político francês unido por educação e laços familiares ao Reino Unido, foi vertido para português por Vicente da Costa Alves Ribeiro em 1865. Constitui um caso curioso de óbvia anglofilia, expressa na tradução e anotação de uma obra francesa em que se demonstra invulgar familiaridade com a cultura britânica. Na nota preambular, escreve o tradutor em tom apologético:

Colhe-se da leitura d'este livro que o pedestal do govêmo inglez é organizado pelos elementos da instrucção pública, da liberdade de imprensa, da discussão livre, do commercio, da fôrça armada, da religião, da eleição, do parlamento formado das duas camaras, do poder judicial, do jury e do sentimento aristocratico fundado na aglomeração da propriedade; que todos estes elementos têm uma legislação uniforme, tendente ao fim social; que no cimo d'este pedestal estão o amor patrio, a justiça, a moral e a verdade, e sobretudo [*sic*] isto pousa a columna real, a monarchia aristocratica da Inglaterra, o governo mais duravel da Europa.<sup>26</sup>

O corpo de notas do tradutor que sucede ao texto de Montalembert manifesta um vasto conhecimento da cultura inglesa, abrangendo, em especial, a história colectiva do povo, a evolução das suas leis e o sistema político actual (Alves

---

<sup>25</sup> DEBANS, Camillo -- *A Ruina da Inglaterra*. Trad. Pinheiro Chagas. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1890, pp. 226-7. *Les malheurs de John Bull* data originalmente de 1884.

<sup>26</sup> *O Futuro de Inglaterra, pelo Conde de Montalembert*. Traduzido e anotado por V. C. Alves Ribeiro. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865, pp. 3-4. Trata-se de *De l'avenir politique de l'Angleterre*, obra de 1855. É réplica a *De la décadence de l'Angleterre* (1850), de Alexandre Auguste Ledru-Rollin, espécie bibliográfica que não nos foi possível consultar. Em todo o caso, é curioso verificar que discussões que tinham a ver, de forma específica, com o contexto político da França eram transpostas para Portugal.

Ribeiro era advogado). O volume configura, assim, a intenção, rara no contexto português da época, de fazer assentar sobre um mais verdadeiro conhecimento daquela nação a nossa imagem dos Ingleses. As notas contrariam activamente os estereótipos e preconceitos pela sua simples e conseguida intenção informativa. Entre os aspectos da sociedade inglesa destacados por Montalembert e cujo elogio Alves Ribeiro secunda encontram-se a liberdade de expressão, na imprensa como na tribuna (é significativo que o tradutor inclua uma versão integral da Magna Carta nas suas notas); o carácter público de todas as deliberações políticas, garante de probidade no exercício de funções públicas; o regime parlamentar; as universidades como instituições conservadoras de uma identidade com o passado nacional; o vigor da fé anglicana; a eficácia e a organização do mundo do trabalho. Numa de várias ideias que recordam o pensamento político de Edmund Burke, Montalembert diz que

[...] a Inglaterra depois de ter, unica entre as nações da Europa, preservado sua honra e sua vida pública das invasões monarchicas dos dois ultimos seculos, tera o glorioso privilegio de fazer navegar a arca do direito e da liberdade no meio do diluvio, em que a democracia revolucionaria ameaça involver o nosso.

Esta capacidade para resistir à decadência política e moral de uma Europa falsamente democrática dever-se-á à combinação, no regime inglês, do princípio aristocrático com o princípio democrático, combinação que faz do país «[...] o asylo inviolavel da liberdade, e do bom senso politico [...]». Segundo Montalembert, cabe aos Ingleses de hoje, herdeiros da mais perfeita das constituições, a missão colectiva de, exemplarmente, evitarem a «[...] veloz carreira, que conduz todas as outras nações europeias da egualdade para a escravidão»<sup>27</sup>.

\* \* \*

Estas considerações, que se alongaram, não podem ainda dispensar um conjunto de apontamentos sobre a imprensa portuguesa de 1850-52, relativos aos dados dispersos e menores, não incluídos na presente antologia mas que formam a textura da percepção que se teve em Portugal da *Great Exhibition*. Nesta perspectiva, pareceu útil fazer preceder cada um dos textos e excertos da antologia de notas de enquadramento, que figuram entre parênteses rectos. Salvo indicação em contrário, as notas de rodapé são também da nossa responsabilidade.

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 26, 171 e 174.

TEXTO 1: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 14 (12.12.1850), pp. 157-159

[Ficou a dever-se à *Revista Universal Lisbonense* a mais exhaustiva cobertura jornalística da Exposição londrina, ao que não terá sido alheio o facto de Sebastião José Ribeiro de Sá, à época principal responsável do semanário, ter sido nomeado secretário da Comissão Régia encarregada de promover e superintender à participação portuguesa. A par de informes de natureza diversa, como o regulamento para a recepção dos produtos em Londres e a classificação dos objectos admissíveis à *Great Exhibition*, a *Revista* publicou os sucessivos anúncios oficiais da Comissão, a vincar a importância do evento e a apelar à adesão dos produtores nacionais. Transcrevemos parte do primeiro desses avisos, onde é feito um diagnóstico do atraso histórico da economia portuguesa. Esse diagnóstico articula-se com a ideia de que conta sobretudo o progresso relativo que cada país mostrará na Exposição, ideia que é indicativa do embaraço provocado pela perspectiva de exhibir os produtos portugueses ao lado dos de certos outros países. A Comissão procura assim combater a eventual intimidação dos produtores portugueses, ao mesmo tempo que os informa das disposições que tomou para desempenhar o seu encargo e apresenta a ideia de que a economia portuguesa está já a dinamizar-se.]

## EXPOSIÇÃO EM LONDRES DOS PRODUCTOS DA INDUSTRIA DE TODAS AS NAÇÕES.

Comissão Portugueza.

### 1.º AVISO.

A Comissão nomeada por Decreto de 2 do corrente mez de Dezembro, para promover a exposição dos productos da industria portugueza, na grande exposição dos productos da industria de todas as nações, que hade começar em Londres, no primeiro de Maio do anno proximo, para corresponder á confiança com que foi honrada por Sua Magestade, e para satisfazer aos deveres que a obrigam perante o paiz, começará os seus trabalhos pela exposição dos principios que dirigem a sua missão, e pela applicação desses principios aos fins para que foi instituida.

A exposição universal da industria em Londres tem de ser um dos maiores factos economicos da era moderna. – Um pensamento elevado e novo dirige os preparativos dessa exposição, e será esse mesmo pensamento que, devendo-a dominar, a transformará para o futuro em um acontecimento extraordinário que hade influir no augmento dos

productos do solo, nas invenções do genio, nos primores do gosto, e nos methodos do trabalho. – A exposição de Londres é portanto uma das mais importantes partes do grande problema humanitario – de alcançar maior somma de productos com menor somma de trabalho, augmentando por este meio directo a felicidade de todas as classes da sociedade.

As exposições até hoje conhecidas, as exposições especiaes de cada paiz, eram uma lueta do genio, da utilidade, do preço, e do trabalho. – Todos estes elementos de producção se comprehendiam nos productos, e rivalisando entre si, disputavam o premio relativo á maior ou menor importancia de cada um delles.

Por este modo as nações sabendo o que produziam, e conhecendo portanto os seus productos, isoladamente os reuniam; não para os conhecer, nem para os apresentar ao commercio de todas as nações; mas para os avaliar em relação ao seu uso, e ás suas necessidades economicas.

A exposição de Londres é dirigida por outros principios, e sendo destinada a representar a universalidade da aptidão do sólo, e das faculdades do trabalho, não se recolhe ao ambito de uma só nacionalidade, não sabe com antecedencia o que reúne, e muda as fórmas conhecidas de uma lueta de mercados nacionaes para as novas e desconhecidas circumstancias que abrem, pela primeira vez, uma exposição das amostras da civilisação do mundo, nas differentes phases da escala social, que as nações percorrem. O magestoso espectaculo de se reunirem em um ponto, productos differentes, e separados não só pelas distancias, mas pelas idéas e pelos factos historicos, hade ser presenciado por um concurso immenso. Assim o producto se aproxima do consummidor, não só para ser avaliado, mas o que é mais importante para ser conhecido.

Esta exposição, repetida no futuro, será a medida dos progressos da civilisação de cada povo, afferida por um meio seguro e insuspeito. A mais bella palma da victoria não será colhida pelo progresso absoluto, mas pelo progresso relativo.

Desde a exposição de Londres fica existindo uma unidade conhecida para avaliar os melhoramentos da industria, marcou-se um ponto de partida, e é d'elle que se deve contar a velocidade dos campões que se distinguirem nas honrosas justas do trabalho.

A Commissão deduziu as idéas que ficam expostas dos actos emanados da Commissão que preside á Exposição de Londres, do exame a que procedeu sobre o modo como as Commissões nomeadas por differentes paizes, comprehenderam sua missão, e dos proprios documentos que de Londres foram remetidos ao Governo portuguez.

A Commissão julgou dever chamar a attenção do paiz sobre os fins principaes da exposição de Londres para desvanecer os receios infundados, que afugentariam muitos productos nacionaes dessa exposição. – Nós não vamos rivalisar com as outras nações, ainda que o sólo, e o clima nos deem productos que a natureza não derrama mais perfeitos em nenhuma outra parte do mundo; o fim que mais nos deve activar o zelo e a vontade, é o fazermos conhecida a nossa agricultura e a nossa ignorada vida do trabalho.

Deixámos a memoria do nosso nome nos feitos da espada, no espirito aventureoso das descobertas, e nesse novo caminho do Cabo da Boa Esperança por onde se operou a mais importante revolução do commercio. – Ao presente devemos honrar pela intelligencia, e pela força do trabalho, esse nome, que nossos maiores nos legaram, respeitado pelo valor das armas.

Todos sabem que os prodígios da industria não são antigos, que não são remotas as datas das mais importantes applicações do genio do homem á transformação das forças naturaes e das novas aptidões dos productos, mas em quanto a mechanica e a chimica revolucionavam o mundo, a guerra era o exercicio das nossas forças sociaes.

Quando o Marquez de Pombal levantava Lisboa das cinzas, a agricultura e a industria fabril jaziam tambem na ruina, a qual não era obra de um cataclismo de poucos instantes, mas do passar de alguns seculos. – A mão ousada deste grande homem deitou sobre o chão da Patria boa semente de prosperidade, mas o chão estava inculto e a guerra europea levou-nos depois, nos seus vendavaes, as primicias que se estavam colhendo do fructo de taes sementes. – Em seguida, os abalos na organização interna do paiz, e as luctas civis nos impossibilitaram de gosar os meios por onde as outras nações tem chegado, até ao ponto em que estão, na estrada infinita dos progressos humanos.

A alta do preço do dinheiro, a falta de communicações faceis e baratas, e a instrucção publica que só o tempo desenvolve, são termos de comparação, que, sendo desfavoraveis, pelo seu estado para a fortuna publica do paiz, são ao mesmo tempo circumstancias que se não devem esquecer para avaliar a situação da nossa agricultura, e da nossa industria fabril. – E com tão escassos meios, talvez nenhuma nação ainda dispoz de tanto zelo e amor de Patria, como o que se está provando, incontestavelmente, no incremento da nossa agricultura, e na manifestação das facultades fabris do paiz.

[...]

A Comissão, terminando o resumo dos principios que a dirigem, parece-lhe ainda conveniente insistir em que é relativamente ás circumstancias de Portugal, e não á situação da industria das nações no mercado do mundo, que se deve julgar, no paiz e fóra d'elle, o facto da exposição dos productos da industria portugueza, na exposição universal de Londres.

A Comissão, procedendo assim, parece-lhe que segue o que a nação pensa a tal respeito, e o que deve animar todos os concorrentes para que lhes não falte a esperança, de que os seus productos sejam considerados pelo modo que a justiça exige, fundada no conhecimento dos factos.

[...]

A Comissão termina este primeiro acto do seu encargo, appellando para o patriotismo do paiz, e declarando que – no auxilio que espera receber de todos os homens que se interessam pela prosperidade publica, é que reconhece o mais seguro meio de cumprir, como deseja, a missão que Sua Magestade se dignou confiar-lhe.

Sala das Sessões da Comissão para promover a exposição da industria portugueza em Londres, 7 de Dezembro de 1850. – *Conde de Thomar*, presidente. – *Conde de Farrobo*. – *Conde do Sobral*. – *Visconde da Carreira*. – *Barão da Luz*. – *Barão de Alcochete*. – *Francisco Tavares de Almeida Proença*. – *Joaquim José da Costa Macedo*. – *Jorquim* [sic] *Larcher*. – *José Ferreira Pinto Bastos*. – *Carlos Bonet*. – *Francisco Mendes Cardozo Leal Junior*. – *Sebastião José Ribeiro de Sá*, Secretario.

TEXTO 2: *A Revolução de Setembro*, n.º 2668 (13.2.1851), p. 2

[Nomeadamente a partir de Fevereiro de 1851, *A Revolução de Setembro* de António Rodrigues Sampaio dá cobertura jornalística à Exposição referindo, em correspondências e apontamentos noticiosos, geralmente muito sucintos, dados avulsos acerca dos preparativos da representação portuguesa, dos produtos que vão sendo seleccionados, acabados e enviados. Há também referências ocasionais aos preparativos e produtos de outros países. Sem que se possa qualificar a atitude como sendo de boicote (não deixa de publicar os avisos da Comissão Régia portuguesa), a cobertura não passa de muito sumária, dando-se até a estranha circunstância de *A Revolução* praticamente esquecer o assunto da Exposição nos meses em que a mesma decorre.

O texto que se segue ilustra o ambiente de controvérsia política interna – que também no *Ecco dos Operarios* se percebe (cf. texto 5 *infra*) – em que, de forma mais ou menos clara, a participação lusa se inseriu.]

#### AMEAÇA Á INDUSTRIA.

Pedimos toda a atenção para o seguinte artigo que se publicou na *Lei* de hoje:

«Chegou do Porto o vapor de guerra *Conde do Tojal*, e segundo nos consta, transportou 25 caixotes com diferentes productos de industria nacional, que foram remetidos daquella cidade para serem apresentados na exposição.

«Se é digno de todo o louvor o zelo e esforços daquelles dos nossos compatriotas que de tão boa vontade se prestaram ao convite do governo, concorrendo a exposição com objectos que possam provar o estado da nossa industria; sentimos não poder dizer outro tanto a respeito de alguns fabricantes da capital, os quaes, depois de se haverem compromettido a apresentar alguns productos das suas fabricas, não o fizeram ainda, nem o farão t[a]lvez, faltando assim ao que se haviam compromettido.

«Segundo nos informam, o maior numero destes ultimos pertence á classe dos fabricantes de ferro. Não sabemos a que isto deva attribuir-se; mas o que é de toda a evidencia, é que não se tem tirado como era de esperar, todo o resultado da protecção concedida a taes estabelecimentos. E será porque estas fabricas não estão ainda como era de suppor que devessem estar? Se for assim, é de esperar que o governo proponha as providencias que intender necessarias para pôr termo a este estado em que ellas se acham, e cujo desenvolvimento não corresponde á protecção que lhe tem sido dada.»

A industria, principalmente a fabril, está ameaçada com novos impostos. Os fabricantes faltaram ao que prometteram ao conde de Thomar, e por consequente *morram por ello*, os seus corpos sejam queimados, e as suas cinzas lançadas ao mar para que não haja delles mais memoria.



Era um negocio de compromettimento! O conde de Thomar deixára-se ficar em santo ocio por muitos mezes, e quando o praso estava a expirar, quando as outras nações tinham os seus productos promptos ou quasi promptos, é que o grande estadista se lembrou de ir *fazer compromissos* para arranjar tarde e a más horas o que devera ter arranjado a tempo.

A exposição de Londres não é caso de compromisso[.] Se os fabricantes não tiverem tempo de manufacturar os seus productos melhor é não os mandarem do que irmos expornos a uma vergonha. Parece que o empenho do conde de Thomar é esse. Diria depois da exposição que os nossos productos eram infimos, que não podiam concorrer com os dos estrangeiros, e que por conseguinte se deveria retirar ás fabricas toda a protecção. Como as fabricas não puderam *cumprir o compromisso*, vai-se-lhes impor a pena. Nada de protecção! O governo vai tomar providencias sobre isso!

Ora querem saber a protecção que o conde de Thomar concedeu ás fabric[a]s de ferro? Foi um imposto sobre o mesmo ferro, que é a materia prima daquellas fabricas! Pois apesar desta protecção á *franceza* ainda as ameaça!

Teremos pois mais direito sobre o ferro, e não sabemos sobre que mais. Nós achamos esse imposto consequente. Como o conde de Thomar e o sr. Felix Pereira tiram da alfandega os objectos que lhes pertencem sem direitos, é preciso distribuir essa somma pelos estabelecimentos de industria para não ser desfalcado o thesouro. Os direitos que se roubam em beneficio dos ministr[o]s devem ser carregados aos fabricantes que faltaram ao compromisso.

Nós propomos uma composição. Os fabricantes podem obrigar-se a pagar os direitos em que importarem os objectos do consumo dos ministres, e perdoa-se-lhes a pena que se lhes quer impôr.

E não pensem os industriaes que são ameaçados sómente os estabelecimentos fabris; os que faltaram ao compromisso são mais, posto que destes fosse o maior numero. A ameaça por conseguinte é mais lata, e abrange outras industrias.

Não ha muito que o conde de Thomar havia visitado alguns daquelles estabelecimentos, e mandou assoalhar que só a sua vista os fizera florescer. Agora porque se *faltou ao compromisso* dá-se o dito por não dito, e os lictores fiscaes ahi estão com as varas levantadas para suppliciar os desobedientes.

Pois pensam que se brinca assim do primeiro ministro? Ha de vingar-se por força da falta commettida. O mundo dirá que a vingança é vil e ignobil, que o artigo da *Lei* é estup[i]do, mas reconhecera que a quadra corre assim.

Sabem os fabricantes como se applaca o numen irritado? Pois dirijam-se a elle ponderando-lhe que é mais custoso e difficil acabar um producto industrial do que commetter uma prevaricação ou acceitar uma peita.

TEXTO 3: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 24 (20.2.1851), p. 277

[Ribeiro de Sá preparou uma longa sequência de artigos que incluem uma relação, feita com certo grau de pormenor, da preparação da *Great Exhibition* pelos seus responsáveis britânicos, com referência ao empenho pessoal do príncipe Alberto e destaque para o projecto e a construção do *Crystal Palace*; e a descrição de objectos expostos seleccionados, tanto na parte artística como na parte técnico-científica. Os artigos apresentam-se subordinados ao título genérico «Exposição Universal de Londres» e ocupam posição de destaque no periódico, as mais das vezes a abrir os vários números. Em anexo à *Revista*, Ribeiro de Sá pretendia publicar uma colecção de estampas relativas à Exposição, mas tal nunca se terá concretizado.

Segue-se o início dessa sequência de artigos, em que o entusiasmo do redactor o leva a assumir um registo quase apocalíptico. Os textos 6, 8, 9, 11 a 14 e 16 *infra* integram-se também nesta série.]

Não tarda – que os paços da industria se abram, em Hyde-Park, para celebrar a ovação do trabalho de todas as nações.

A civilização moderna vae ter a sua epopéa. A enxada, o martello, e a machina são as lyras dos novos Homeros do trabalho.

Todas as nações foram convocadas para se reunirem, não em um campo em que os povos se chamem alliados, mas em uma vasta officina em que todos se chamam irmãos.

As paredes dessa officina são de christal, como para que seja bem visivel o osculo de paz, com que as nações ahi vão reprovar o passado, manchado pelo sangue dos combates. Ao christal se junta o ferro, como para simbolisar que são tão puros, como fortes, os votos que, no templo do trabalho, se devem fazer pela prosperidade dos povos por meio da paz.

A Exposição universal é um dos maiores factos do mundo. A imprensa o registará nos milhares de paginas de que dispõe. Nós cumprimos um dos mais rigorosos deveres de jornalista, escrevendo a sua historia, ao passo que os documentos nos vem chegando ao nosso conhecimento.

Como estamos persuadidos de que, procurando obter para os leitores do nosso jornal a maior somma de esclarecimentos a tal respeito, cumprimos um dever, não occultaremos que todas as vantagens especiaes, que o nosso logar na Commissão Portugueza nos tem ministrado, e poderá ministrar, serão absolutamente convertidas em proveito dos nossos leitores.

[...]

TEXTO 4: *A Revolução de Setembro*, n.º 2678 (25.2.1851), p. 2

[Diversos órgãos de imprensa e instâncias oficiais dão voz à dupla preocupação de que a representação portuguesa na *Great Exhibition* não deslustre a indústria

nacional e de que sejam devidamente aproveitadas as oportunidades de ilustração e adiantamento que o evento de Londres oferece. Neste duplo sentido aponta o relato de uma reunião da Câmara dos Pares onde se discute a criação de um crédito extraordinário. O dito crédito seria efectivamente consagrado por D. Maria II em carta de lei com data de 25 de Fevereiro.]

CAMARA DOS DIGNOS PARES.

*Extracto da sessão de 22 de fevereiro de 1851.*

(PRESIDENCIA DE S. EM.<sup>a</sup> O SR. CARDEAL PATRIARCHA).

[...]

ORDEM DO DIA.

Entrou em discussão na generalidade o projecto auctorisando o governo a abrir um credito supplementar de 10 contos de réis para a condução dos productos da nossa industria para a grande exposição universal.

O sr. FONTE ARCADEA apresentou varias considerações geraes a favor da nossa industria, concluindo por votar a favor do projecto.

O sr. VISCONDE DE SÁ lembrou que o governo escusava de mandar a Londres individuos pertencentes a certas cathogorias, por quanto que o relatorio da grande exposição cá viria sem ser preciso que o governo mandasse gente de proposito para isso.

Será pois mais conveniente que os individuos que forem a Londres com os differentes productos da nossa industria, sejam artistas fabricantes e mesmo operarios, homens de talento e dos principaes nestas classes.

O sr. CONDE DE LAVRADIO abundou nas mesmas idéas, lembrando ao sr. ministro que seria muito conveniente que tambem fossem manufacturas de barro, porque as fazemos com toda a perfeição.

O sr. PRESIDENTE DO CONSELHO concordou com as observações dos dignos pares, e declarou que dos 10 contos de réis tambem se havia de tirar alguma quantia para compra de certos objectos da pequena industria, que os artistas não podem dispor delles por serem pobres; como por exemplo, manufacturas de barro, esteiras e rendas, as quaes são uma cópia fiel das de França.

Disse que na casa da exposição se achavam objectos dignos de admiração, e mencionou os mandados pelo sr. marquez de Ficalho, das suas propriedades.

Disse que era para sentir que na grande exposição não fossem admittidos vinhos; porém o governo tencionava fazer em Londres uma exposição particular onde apparecerão os nossos melhores vinhos, e para o que já tinha prevenido os principaes lavradores.

Seguidamente foi o projecto approvedo tanto na generalidade como na especialidade.

O sr. VISCONDE DE SÁ lembrou que o governo em abril de 1852 devia fazer uma exposição principalmente dos objectos e productos da nossa industria agricola.

Como tivesse dado a hora

O sr. PRESIDENTE deu para ordem do dia de segunda-feira a continuação da que vinha para hoje, e levantou a sessão. — Eram 4 horas.

TEXTO 5: *Ecco dos Operarios*, Vol. II, n.º 42 (8.3.1851), p. 6

[A partir de Dezembro de 1850, este periódico dedica apreciável espaço à divulgação dos sucessivos avisos da Comissão Régia encarregada de promover a representação portuguesa na Exposição, avisos que exortam à adesão dos potenciais participantes e contêm informes vários. Fornece também, nos n.º 43, 44 e 47, uma lista dos produtos portugueses seleccionados, com indicação dos respectivos fabricantes. O *Ecco dos Operarios* demonstra, portanto, certo interesse pelo evento, tendo mesmo em Sousa Brandão um jornalista que lhe dedica vários artigos. Contudo, esse interesse não significa acordo com o modo como o processo é conduzido em Portugal. É o que se verifica no texto que Sousa Brandão escreve após assistir a uma apresentação em Lisboa, no Arsenal da Marinha, dos produtos a enviar a Londres.]

#### EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA INDÚSTRIA EM LONDRES

[...]

A comissão accordou tarde, é o mal desta prolongada reflexão portuguesa, que acaba ordinariamente por nos mudar a tenção, ou por nos affoguar, fazendo com azafama e falta de meios, o que antes era possível conseguir com descanço e cuidado.

O programma da exposição portuguesa peccava na sua origem, pelo facto de se nomear uma comissão de homens pouco intendidos na industria, e que por esse lado mereciam ainda menos a confiança dos operarios e fabricantes. A comissão appareceu nomeada de personagens mais, ou menos officiaes, sem que os operarios, ou os mestres mais eminentes na industria fossem ouvidos. Em uma palavra, havia entre os membros da comissão e os industriaes do paiz aquella distancia, que querem sempre conservar os homens de alta jerarchia a respeito do povo.

Nós, em um ligeiro artigo que fizémos sobre este assumpto, appellámos para a organização da industria, e para o voto dos industriaes, que julgámos deviam e devem sempre preponderar em actos desta ordem; não o fizemos com o fim de produzir ecco; já era tarde; as instituições não se organisam tão de repente<sup>28</sup>. Mas exprimindo naquella

---

<sup>28</sup> Cf. «Exposição Universal da Industria em Londres», in *Ecco dos Operarios*, Vol. I, n.º 34 (21.12.1850), p. 4, em que Sousa Brandão não considera auspiciosa a forma como está a ser preparada a participação portuguesa na *Great Exhibition*, porque a destempo e parcial, exprimindo-se nestes termos: «[...] o que notámos, ou antes o que lamentámos, e muito profundamente, é que de um acto puramente industrial se faça um acto exclusivamente governativo. É que quando nós queríamos vêr os delegados de todos os ramos da industria de Lisboa, e outros centros manufactureiros e agricolas, tractarem esta questão, que tanto a ninguem, como a elles, interessa, vemos apenas o dedo do governo e algumas *notabilidades* fabricantes, decretar o que a tal respeito se deve fazer». A ideologia socialista que orienta o periódico reflecte-se nesta crítica.

epoca a nossa opinião, podemos hoje continual-a sem receio, porque sabemos que se a Londres não vão outros objectos de tanta e maior valia, que os que vão, é devido ao conjuncto dos membros que foram nomeados. A confiança inspira-se, não se ordena.

A sollicitude com que depois a commissão se empenhou em recolher os productos, pouco effeito devia produzir. Embora se dirigissem ás fabricas, aos estabelecimentos, aos simples artistas; é ignorar completamente que as obras da natureza e qualidade das que devem ir á exposição, demandam muito tempo para serem concebidas e acabadas, desenhos novos de muito custo, modellos perfeitamente traçados, substancias que nem sempre se teem á mão, e que é preciso apurar, não contando as experiencias abortadas, o tempo e as despezas improductivas, que se devem consumir sem que os donos dos estabelecimentos tivessem a esperança, que a não deu a commissão, de serem indemnizados.

Apezar de tudo lá vão á exposição universal os productos portuguezes: vimol-os em uma das salas superiores do Arsenal da Marinha, alli estavam postos em parteleiras e estirados em cima das mezas, formando duas alas; que todo o visitante naturalmente examinava uma depois da outra.

É a primeira exposição da industria que vimos em Portugal. Os sentimentos que ella nos inspirava não eram sempre os mesmos, umas vezes o coração se nos enlevava ao vêr como em Portugal, á sombra de uma fraca, bem fraca protecção, desabrochava o germen de artistas tão eminentes, de industrias primorosas, que entre nós não havia, e que se vão acclimatando á custa de exforços e dedicação. Outras vezes o coração se comprimia estavamos desapontados e envergonhados de ter que apresentar-nos tão mal ataviados, no meio de outras nações, que tomaram por honra e brio, ir alli desaffrontar a sua [in]dustria. E, com verdade, não ha idéa, que faça uma impressão tão pungente sobre o espirito dos povos, como é a consciencia da sua propria fraqueza. Naquelles momentos, nós, como que assumiamos, toda a responsabilidade que cabe a um paiz, de ser mesquinho, apocado, insignificante, aos olhos dos seus rivaes, por sua propria culpa. As faces se nos córaram.

O juizo que temos a fazer sobre os productos portuguezes resume-se em pouco. A fabricação é geralmente boa: o gosto, os desenhos, as exhibições, além de serem tudo imitações servís, são em geral pessimos e ridiculos. – Se os avaliarmos, pela natureza e pela arte, diremos, que á natureza devem muito estes productos, á arte muito pouco.

A execução é em grande numero dos artefactos boa e por ventura superior, o que prova superabundantemente a *habilidade*, e a tendencia para as artes que teem os portuguezes. O que diz respeito á grande fabricação é em geral inferior, o que prova o atraso em que estâmos no emprego das machinas.

Pelo que toca ás artes de gosto, nunca vimos coisa tão miseravel; parece que nunca [h]ouve em Portugal uma aula de desenho de ornato, ou de figura, que a geometria é inteiramente estranha ás producções artisticas. Nada que um amator dissesse, eis-aqui a arte? A não serem os christaes da Marinha Grande, que attendendo ao pequeno numero não representa muita variedade de gostos, esta parte, não vae representada aos productos da exposição de Londres.

[...]

TEXTO 6: *Revista Universal Lisbonense*, 2.ª série, Vol. III, n.º 27 (13.3.1851), pp. 313-314

[Conjunto de considerações acerca da organização da *Great Exhibition*. É de notar, desde já, que uma parte significativa das informações que chegam ao leitor português através deste periódico procedem de observadores franceses, como se o seu ponto de vista fosse o mais pertinente e como se interessasse sobremaneira a comparação entre os produtos do país anfitrião e os da França. Talvez este facto deva ser atribuído à eventual falta de meios da publicação portuguesa, que se veria obrigada a colher informações onde as encontrava, mas a verdade é que o próprio Ribeiro de Sá estava em Londres. Fosse ou não esse o motivo, o efeito não deixava de ser uma deslocação de perspectiva, reflectindo a circunstância de, mesmo numa ocasião como esta, o “francesismo” do mundo intelectual português ser muito forte.]

[...]

O caracter positivo e de applicação pratica que predomina na casta anglo-saxonia, observa-se em todas as disposições tomadas pela commissão regia quanto á admissão dos productos estrangeiros. Para as apreciar sisudamente importa tomar em exacta consideração o intuito especial, que até se poderia denominar exclusivo, que a Inglaterra leva em vista com a exposição de 1851.

O que pertende a Inglaterra? neste ponto consideraremos o lado economico do assumpto. O que pertende a Inglaterra, cujas provincias, cidades e campos se agitam hoje com o movimento a que a metropole deu primeiro impulso, é uma taboleta de amostras dos productos de todo o mundo, não sómente das fabricas e da agricultura da Europa ou do norte da America, mas tambem do trabalho universal e tanto das ilhas menos frequentadas como dos continentes mais conhecidos.

A Inglaterra alcançará o que pertende. Para supprir a indifferença de certos productores remotos, admittiu a substitui-los os negociantes, os carregadores, os proprietarios de collecções: os seus agentes commerciaes, os seus missionarios, espalhados por todos os pontos do globo, colligem para a exposição specimens dos productos que não tem uso na Europa, e que servem de objectos de troca com os naturaes, ou entre os mesmos, das costas e do sertão da Africa, da Asia, dos archipelagos da Oceania. Todo o que póde accrescentar uma peça interessante a esta vasta collecção é bem acolhido, qualquer que seja a qualificação com que se appresente, porque a exposição de 1851 não tem outro fim para a Inglaterra senão reunir os elementos de um vasto inquerito technologico e commercial de todos os processos e de todos os productos do trabalho humano. As deliberações da commissão regia tendem unicamente a este fim a que todas são subordinadas: admittem liberalmente todos os productos, quaesquer que sejam os productores; mas repellem, quanto lhes é possivel, toda a especulação, toda a venda directa dos objectos expostos feita aos visitantes; não lhes permitem entrar no consumo interno, ao desmanchar da exposição, sem pagarem

os direitos ordinarios das alfandegas, fixados no acto da abertura dos pacotes pelos respectivos empregados, e sem intervenção e a despeito das declarações dos expositores.

Convem insistir neste ponto essencial, para desvanecer illusões de alguns industriaes que supporiam com a remessa de seus productos a Londres achar-lhes directamente vantajosa sahida. A Londres não se mandam para aquelle proposito partidas de fazendas, mas sómente amostras. Poderá aproveitar-se a exposição para tomar conta de encomendas, ou entabolar novas relações; mas não se fará venda dos objectos expostos, salvas raras excepções, senão com perda consideravel.

Não queremos dizer nisto que não se tome parte na exposição e que della não resulta utilidade. Longe de nós semelhante idéa. Se tivéssemos alguma influencia para com os nossos fabricantes a empregariamos, pelo contrario, para os instar a que se reunissem a fim de figurar dignamente no grande concurso de 1851, representando de um modo completo a variedade de nossas aptidões industriaes. Tão sómente accrescentariamos que não é como individuos que lhes cumpre considerar a exposição, mas sim como membros de uma grande familia industrial; que não é tal ou tal marca o que vão expor e representar, porém os seus respectivos districtos ou cidades; diriamos até que os productos em vez de estarem separados em repartimentos individuaes, deviam estar agrupados por familias, por generos e centros de producção.

O systema das exposições individuaes, de admissões determinadas administrativamente pelos juris provinciaes pôde ser conveniente para os concursos nacionaes, porque só admittem os productores indigenas; mas é um systema insufficiente, e deve ser modificado quando se trata de uma exposição universal onde as nações figuram como individuos.

Mr. Ad. Blaise, de quem tomamos estas reflexões, escrevendo já em janeiro do corrente, reconhece ser tarde para serem applicaveis á França, e bem se vê que do mesmo modo a outros paizes; mas nem por isso desiste do seu pensamento, isto é, que o trabalho nacional é o que deve figurar em uma tal exposição e systematicamente; e não os trabalhadores cada um de per si.

A utilidade maior da exposição é sem duvida o estudo que ella proporciona; e quem especialmente o deve fazer são os proprios productores que as circumstancias favorecerem para tal ensejo, adquirindo directamente pela comparação dos productos expostos, e a critica ou o elogio de seus trabalhos, a confiança de que é boa a carreira que tem seguido, ou a advertencia para seguirem outra.

Por mui imperfeita, ou por mui desenvolvida que esteja a industria de um povo, a reunião de seus productos indica sempre as suas especiaes aptidões, a natureza das suas precisões dominantes, o genero e a fórmula geral dos objectos que mais lhe convem, e o que se lhe pôde offerecer com probabilidade maior de vantagem; por tanto os commerciantes, os commissarios, os carregadores não tem menos interesse que os industriaes em estudar com esmero o grande inquerito, com documentos justificativos para assim dizer, a que a Inglaterra convida todas as nações do mundo.

TEXTO 7: *A Revolução de Setembro*, n.º 2705 (31.3.1851), pp. 2-3

[A um tempo proposta, anúncio e convite, o texto que se segue, assinado por Ayres de Sá Nogueira em nome da Comissão Régia, traduz com clareza a importância que em certos sectores se conferia ao empreendimento britânico, e, por conseguinte, o zelo posto no seu máximo aproveitamento. Acima de tudo, é vincado que a visita à Exposição se deve reflectir em benefícios palpáveis para o País, e não ser feita num mero espírito de curiosidade ociosa ou diletante.

Este texto, com numerosas diferenças de pormenor, é também publicado no *Ecco dos Operarios*, Vol. II, n.º 46 (12.4.1851), pp. 5-7.]

*Expedição portuguesa exploradora da exposição de Londres.*

A exposição em Londres dos productos da industria de todo o mundo, é um facto de tão elevada magnitude, e de tão vasta concepção, e deverá ser de tão relevantes resultados, que elle ficará marcado nos annaes do universo industrial, como um dos mais celebres acontecimentos do mundo economico.

Este facto pois, com razão tem atrahido a mais seria consideração de todos os governos, dos homens de genio e da sciencia – da industria, e do commercio, porque a elle está ligada uma parte muito importante dos interesses futuros de todos os povos.

E se a um bom governo cumpre fazer estudar profundamente aquella exposição no seu complexo, e na probabilidade dos seus resultados, [a]os homens de genio, da sciencia relativa, da industria pratica, e do commercio, não menos incumbe estudar os diversos ramos das suas especialidades, por que em consequencia d'um e outro estudo, as nações poderão conhecer geral e especialmente o que lhes convém mais desenvolver ou restringir, melhorar ou fomentar, remediar ou crear, nos vastos e importantes ramos do seu respectivo commercio ou industria, tanto agricola, como fabril e manufactureira.

Ao governo deixemos e esperemos d'elle a realisação do que nesta parte lhe pertence cumprir, mas a nós os homens intimamente interessados nas diversas especialidades industriaes, em que nos empregamos, e das quaes não só tiramos a nossa subsistencia, mas que tambem sustentamos por meio dellas a fortuna e o bem estar de todo o paiz, cumprenos procurar (como é nossa obrigação) por todos os meios ao nosso alcance, poder realizar o que devemos, tanto por interesse proprio como por patriotismo.

A par deste pensamento nasceu a idéa, verdadeiramente nacional, d'uma expedição portugueza exploradora da exposição de Londres, que deverá ser formada dos homens de genio e da sciencia relativa, dos lavradores, fabricantes, commerciantes, e artistas. A sua missão comprehende dois grandes fins:

1.º Que cada uma dessas classes e daquellas em que cada uma dellas é devidida, possa de per sí mesmo, e na parte que lhe é respectiva, ver com a mais séria attenção, meditar e estudar profundamente tudo quanto o merecer, e for relativo a essa mesma classe.

2.º Formar em resultado deste estudo, um relatorio exacto de tudo quanto tiver encontrado, e que mereça ser relacionado, no que diz respeito a quaesquer conveniencias



dessa mesma classe, com o fim de que sendo publicado em Portugal possa aproveitar a todo o paiz, e especialmente á classe respectiva.

São estes os fins altamente economicos e patrioticos desta expedição, conseguidos os quaes, ninguem dirá que Portugal não tenha alcançado da exposição de Londres, desse grande facto (neste genero) unico na historia, todas quantas vantagens delle poderem tirar, a sciencia relativa, a agricultura, o commercio, e a industria fabril e manufactureira; e por este esforço de honra, credito nacional, e dever economico, Portugal não só, e neste sentido ficará a par de muitas nações que sabem conhecer as suas conveniencias, como tambem excederá a outras muitas.

Esta expedição com os meios que se esperam realizar, será o menos dispendiosa possivel; calcula-se que se poderá demorar em Londres trinta dias, para o estudo a que ella se propõe, e que a despeza pessoal de viagem, residencia e sustento não deverá exceder cento e vinte mil réis, no praso de trinta dias, e dez para hida e volta.

Ellas [*sic*] tem uma direcção a quem incumbe regular quanto lhe respeita, bem como fazer inscrever os nomes dos representantes das differentes sciencias e industrias, para este fim nomeados pelas suas respectivas classes; e aquellas pessoas que determinarem fazer parte desta expedição, podem desde já inscrever o seu nome, dirigindo-se para este fim [a] casa do abaixo assignado, ao campo de Sanct'Anna no Pateo do Thorel, em todos os dias até ás dez horas e meia [*sic*] da manhã, para onde se pode tambem dirigir qualquer correspondencia a este respeito. A direcção será acompanhada de um ou mais secretarios habeis, para recolherem, redigirem e coordenarem as observações que as pessoas da expedição (que representarem qualquer industria) exijam se registem para conhecimento e conveniencia dos diversos ramos que essas pessoas representarem, e com o fim de dar noticia ao paiz na sua volta a Portugal.

De todos os pontos do reino se espera que muitas pessoas queiram fazer parte desta expedição, e para maior commodidade dos que residem nas provincias do Norte, o barco de vapor que a conduzir tocará no Porto, para receber os daquella parte do paiz quando previamente se hajam feito inscrever, e tenham satisfeito as condições exigidas para todos, que no acto da inscripção serão presentes.

A residencia em Londres será a bordo do mesmo barco que conduzir a expedição, onde se procurará que hajam todas as commodidades possiveis.

O barco deverá estacionar-se quando for conveniente, em um sitio proximo ao local da exposição. A prioridade na inscripção, dará direito á escolha de accommodação a bordo. Ninguem poderá levar mais do que o que for necessario para o seu serviço.

Como é possivel que alguns artistas habeis podendo aproveitar muito em consequencia dos seus talentos, ao ramo de industria a que pertencem, no seu estudo em Londres, não estejam comtudo no caso de fazerem á sua custa a despeza indispensavel, assentou-se que, quando aconteça serem elles nomeados para membros desta expedição, por qualquer classe d'industria portugueza, daquellas que alli devem ser representadas, e quando se mostre que os meios pecuniarios dos membros dessa classe, são tão apoucados e mesquinhos, que cotisando-se entre si não podem alcançar a quantia necessaria no todo ou em parte, para a despeza que lhe é relativa, que nesse caso essa despeza, no todo ou na parte que lhe faltar,

deverá ser gratuitamente satisfeita pela direcção; isto porém quando se tenham alcançado os meios que se esperam conseguir para este fim, e até ao numero das pessoas para que elles possam chegar.

Além d'aquellas pertencentes ás classes indicadas, a admissão se facilitará tambem a todas as pessoas d'inteligencia e probidade, e conforme o numero que concorrer dos homens especiaes; estas pessoas porém contribuirão com uma quantia um pouco mais elevada, e a maioria destas quantias, reverterá tambem a favor dos industriaes que estiverem no caso que acima fica mencionado.

Quando não haja inconveniente, a expedição será levada a effeito e deverá partir de Lisboa em junho; e com a antecedencia necessaria a imprensa indicará o dia da partida.

Tal é o modo como mais facil e commodamente se pensou poder fazer ao paiz um importante serviço, e á nossa industria em particular; proporcionando por este meio a vezita e o estudo sério e grave da exposição de Londres, a quem de certo apesar dos mais bem fundados desejos, não teria meios para o poder realizar individualmente.

Esta idéa que já tem as sympathias de todos a quem tem sido communicada, confiamos que merecerá tambem a da imprensa periodica, a dos homens de genio, a das classes scientificas, e a da industria tanto agricola como fabricante e artistica, por ser a quem (por todas as rasões) mais particularmente interessa.

[...]

TEXTO 8: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 35 (8.5.1851), pp. 409-410

[O interesse despertado pelo espaço destinado à Exposição é uma constante na imprensa portuguesa da altura. O *Crystal Palace* deslumbra pelo engenho da sua concepção, pela novidade dos seus materiais, pela própria elegância aliada a uma dimensão invulgar. Enquanto exprime esse encantamento, este artigo retoma de alguma forma o tom do texto 3 da presente antologia e apresenta a *Great Exhibition* como um evento civilizador, exibição triunfal do génio humano, um monumento ao progresso que marca indelevelmente a sua época.]

Se houver quem affirme que algum dia as gerações futuras lançarão em rosto á presente o seu atrazo na civilisação; se repetirem suas queixas infundadas certos homens que estão presenciando o adiantamento do seculo, seus descobrimentos, rapido progresso, e zelo incançavel para aproximar-se da perfeição, objecto principal a que deve aspirar a humanidade, responderemos com um argumento irresistivel, com um factio grandioso, com um extraordinario successo, destinado a caracterisar o seculo em que se verifica e a dar gloria á nação que o poem por obra. O grande pensamento de abrir um certame universal da industria é sem duvida alguma a melhor prova dos adiantamentos da época, e que lança por terra as muitas incriminações que dirigem ao seculo XIX os que vendo as coisas

atravez do prisma fatal do egoismo, sómente qualificam de bom o que traz origem de tempos antigos e consideram os actuaes como arremedo, como copia servil de seus predilectos.

Se a nossos antepassados se houvera dicto que chegaria um dia em que poderiam admirar-se n'um local os productos principaes de todas as nações devidos á industria do homem, que se fallariam alli todas as linguas, que se encontrariam os productores e consumidores dos paizes mais remotos, que se revelariam talvez grandes segredos das artes para maior aperfeiçoamento de todas – seguramente não o acreditariam por julgarem impossivel de realisar-se um tal plano. – Não tendo idéa do vapor e dos caminhos de ferro, não poderiam conceber como se transporiam em praso breve as grandissimas distancias dos mares e de paizes longinquos.

Vejamos agora o que se passa na capital de Inglaterra.

A vida e animação que por toda a parte infunde a primavera, especialmente alli, onde o clima é tão desigual e o inverno tão duradoiro, reúne-se o grande movimento de nacionaes e estrangeiros, que anciosos esperam o principio de Maio para presenciar a abertura de um edificio magnifico, costeadado em suas despezas pelos commerciantes e industriaes inglezes, e que pela sua construcção se denomina o palacio de christal. Já desappareceram os andaimos e madeiramentos, collocados para as obras interiores de adorno e pintura; e percorrem todas as partes do edificio grande numero de serventes com fardos de mil classes, sem que até a data das ultimas noticias acontecesse avaria alguma na multidão de objectos comprehendidos em mais de dez mil fardos, sendo alguns destes objectos de summa delicadesa.

A immensa galeria central do palacio acha-se occupada por soberbos grupos estatuarios. A rainha Victoria, acompanhada do principe Alberto e dois filhos fez uma visita ao edificio, e a primeira coisa que observou foi a sua estatua equestre inaugurada na frente da entrada; devia ficar satisfeita com a notavel perfeição com que está esculpida e o porte magestoso com que a figurou o auctor. Segue-se um grupo em marmore, encantador sob qualquer aspecto que se contemple, já pela arte da composição, já pela belleza das formas; representa duas amazonas e um argonauta, e é propriedade de S.M.: foi seu auctor um artista hungaro por nome Engel, que ao presente reside em Londres.

Os trabalhos ainda estavam bastante atrasados e pareceria impossivel achar-se tudo nos logares correspondentes em o 1.º de Maio, se de um modo irrevogavel não tivesse já dado ordem para a abertura nesse dia a commissão executiva ingleza.

A Exposição Universal não durará menos de quatro mezes nem mais de seis, de modo que não fechará antes de fins d'Agosto, e é provavel que continue até o fim de Outubro. Para este periodo se preparam grandes festas, esplendidos bailes, concertos magnificos e toda a casta de funcções que converterão Londres n'um paraíso.

As commissões estrangeiras foram apresentadas a S.M. pelas embaixadas respectivas, e formou-se um jury para a distribuição das recompensas, composto de 270 individuos, metade inglezes e outra metade dos outros paizes do globo, do modo seguinte:

França 33 – Estados-Unidos 21 – Zollverein (liga allemã) 19 – Austria 15 – Belgica 8 – Prussia 6 – Italia 6 – Suissa 4 – Allemanha do norte 3 – Turquia 3 – Brasil e Mexico 3 – Hispanha 3 – Portugal 2 – Hollanda 2 – Egypto 2 – Arabia e Persia 1 – Grecia 1 – Dinamarca 1 – Tunes 1 – Suecia 1 – Total 135.

Este jury será dividido em 30 secções ou jurados distintos para cada uma das trinta classificações que se fizeram dos objectos industriaes. Os presidentes dos trinta juries especiaes comporão uma junta denominada conselho dos presidentes em que entrarão tantos inglezes como estrangeiros, e cujo primeiro cuidado será fazer o regulamento para o jury. Pertence mais ao conselho decidir os casos em que devem conceder-se as medalhas de primeira, segunda e terceira classes, e estabelecer as regras geraes segundo as quaes se devem conferir os premios. – Os primeiros se concederão aos productos que tiverem superioridade notavel de qualquer classe que seja, e não por consideração ás vantagens de uma concorrência individual. As tres classes de medalhas serão adjudicadas ás diferentes especies de productos, e não em relação ao maior ou menor merito de um mesmo producto.

As medalhas dos premios serão todas de bronze, distinguindo-se as suas classes pela diferença nos tamanhos e cunhos. A razão da preferéncia dada a este metal é por ser o mais proprio para brilhar o merito dos artistas gravadores, e representar melhor os objectos desenhados. Tambem haverá premios pecuniarios, mas para estes não se fixaram regras, e se applicarão segundo os casos especiaes.

[...]

TEXTO 9: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 37 (22.5.1851), pp. 433-434

[De novo, o edificio construído para a *Great Exhibition* concentra as atenções, agora com referência ao modo como se processou a sua ocupação ao longo do evento. Aos produtos do Reino Unido foi afectado um espaço desproporcionado – a Exposição correspondeu também a um projecto de afirmação nacional –, mas que em todo o caso o avanço técnico, científico e económico do país podia justificar. Significativamente, a França é o segundo país com maior destaque no espaço da Exposição.]

A classificação dos objectos expostos foi restrictamente observada, quanto aos productos da Grã-Bretanha, isto é, segundo as quatro maximas divisões adoptadas em junho de 1849: – 1.º Materias primas. – 2.º Machinas e invenções mechanicas. – 3.º Manufacturas. – 4.º Sculptura e artes plasticas.

Houve razões para não obrigar as nações estrangeiras a este systema geral; e não é necessario explical-as; basta considerar que chegando os productos em épocas diversas, a classificação estaria dependente da remessa do ultimo pacote: foi esta principal consideração que moveu a comissão geral a decidir, que cada uma das nações disporia do espaço que lhe estava concedido como melhor entendesse, armazenando e collocando ahi na melhor distribuição, de accordo com os commissarios regios, os objectos que trazia á exposição.

O edificio póde considerar-se repartido em quatro grandes divisões por uma linha tirada do poente ao nascente pela avenida central; e por outra correndo do norte ao sul pelo

centro do *transept* (cupula). Nestas quatro divisões ao nordeste e ao sudoeste estão os productos britannicos e das colonias, occupando todo o pavimento inferior e as galerias respectivas: ao nordeste e ao sueste ostentam-se os productos estrangeiros, incluindo uma grande porção das galerias debaixo da cupula para a banda do nascente, porque tambem desta parte ha productos britannicos. A distribuição do espaço no que poderemos denominar região estrangeira, foi restrictamente geographica, como fica dito; na destinada á Grã-Bretanha observou-se a classificação quanto foi possível. Pertender que tudo esteja perfeitamente classificado (diz um jornal inglez) de modo que todos os exemplares de cada ramo da industria estivesse collocado n'uma só paragem, seria querer tocar o auge da perfeição: comtudo nas grandes agrupações ha uma analogia que os mais entendidos não presumiriam encontrar. Por exemplo, as machinas industriaes occupam o lado do norte do edificio e a divisão do nordeste; as machinas e instrumentos de agricultura estão no lado do sul e divisão do sudoeste. Os tecidos de uso mais commum que tomam grande espaço occupam a ultima destas divisões proxima á nave ou avenida central, tendo só um logar correspondente para os algodões na parte opposta do nordeste.

Os moveis caseiros formam outro grupo em correspondencia de cada lado da nave; as ferragens e outros objectos de metal nas suas fórmias mais uteis compõem a linha divisoria entre os instrumentos agrarios e os tecidos das fabricas, estando agrupados os ramos desta industria mais cheios de ornatos de um e de outro lado do logar da mobilia do uso da capital.

As carruagens formam um grande grupo na rectaguarda dos algodões, coiramas, pelles finas etc.; as colonias tem as suas fazendas de ambos os lados da passagem central estendendo-se até o *transept*: á roda deste ponto para o lado do sul, formam um grupo nas galerias as sedas e fazendas analogas.

Os cristaes, porcelanas e objectos analogos estão egualmente á parte no lado do norte; tapeçarias e metaes preciosos ficaram collocados junto á nave em a galeria; os productos chimicos e as substancias alimentares occupam a extrema do sul na galeria; os instrumentos physicos e mathematicos, os modelos de engenharia civil e os instrumentos musicos estão do lado occidental das galerias do norte e do sul.

A exposição remata com a numerosa serie de machinas *em movimento*. Para entender-se esta denominação cumpre recordar que a commissão regia poz á disposição dos expositores uma força mechanica consideravel, destinada a fazer funcçionar as machinas que se desejasse que fossem vistas a trabalhar, para melhor se conhecer a sua applicação e utilidade. Esta força é prestada por uma bateria de caldeiras de vapôr do systema tubular, situadas fóra do edificio principal da parte do poente. Um cano de oito pollegadas e meia de diametro, correndo por baixo do soalho por baixo da parede septentrional do repartimento britannico, traz o vapôr a uma serie de machinas proprias deste motor, destinadas segundo suas forças e disposições respectivas a pôr em movimento os diversos aparelhos mechanicos expostos. Póde alli assistir o espectador á serie completa de transformações pelas quaes passam a lã e o algodão, desde o seu estado em bruto, até ao de fio e de tecido de toda a especie.

Uma pequena parte do espaço consagrado ás machinas em movimento foi reservada á França, que alli vae mostrar em acção os interessantes mecanismos de M. Hermann para o fabrico de chocolate, e os aparelhos de força centrifuga de M. Ceril e Cie para arêação do assucar.

[...]

A Inglaterra reservou á França, a sua mais digna e importante rival, o maior espaço entre o concedido a todas as nações estrangeiras. Á França seguem-se os Estados-Unidos, depois vem o Zollverein ou liga allemã, a Austria, a Belgica, etc.

TEXTO 10: *O Chronista*, Vol. I, n.º 31 (22.5.1851), pp. [2-3]

[*O Chronista* faz uma dúzia de referências à Exposição, algumas das quais correspondem a transcrições de textos de outros órgãos de imprensa, nomeadamente do *Paiz*, da *Nação* e da *Revista Universal Lisbonense*, prática que era corrente. Estes periódicos encontravam-se sediados na capital, devendo ter mais fácil acesso à informação proveniente do estrangeiro. De uma maneira geral, *O Chronista* ocupa-se de assinalar o sucesso da Exposição, o impacto que ela está a ter à escala europeia e a grande afluência de interessados, incluindo visitas quase diárias da rainha Vitória (referida no n.º 33, de 27.5.1851, e no n.º 38, de 7.6.1851); regista a curiosidade dos industriais portugueses face aos inúmeros aperfeiçoamentos técnicos que a Exposição dá a conhecer e considera que ela constitui a afirmação triunfal do país organizador como a maior potência industrial e comercial da época. Apesar deste interesse que reconhece ao acontecimento, o periódico tarda vinte dias a dar notícia da abertura, e fá-lo com extrema brevidade: «*Exposição de Londres*. – No dia 1.º de Maio, teve lugar a abertura da grande exposição de Londres, assistiu a família real, calculando-se os concorrentes em 25:000» (n.º 30, de 20.5.1851, p. [3]). Só na edição seguinte se dá uma relação mais circunstanciada dos sucessos desse dia, que aqui se transcreve.]

INGLATERRA. – No dia 1.º do corrente a rainha Victoria abriu pessoalmente a exposição da industria universal. O dia apresentou-se bello pela manhã, a atmospheria estava pura, e tudo promettia um dia magnifico. Assim continuou até ás 11 da manhã, mas pelas 11 e meia começou a chover até precisamente á hora em que a comitiva de S. M. se poz em marcha.

Toda a cidade de Londres se transportou para Hyde-Park. Desde as seis horas da manhã que a população de Surrey atravessava as pontes; as turbas de Far-Est<sup>29</sup> precipitavam-se em Holbor e Strand. Das oito ás nove horas Piccadilly, Oxford, Parliament-Stree, e Kennington-voad estavam inundadas de povo, e todos tinham o mesmo desejo o de vêr a rainha e o palacio de cristal.

---

<sup>29</sup> Copiamos fielmente a grafia dos nomes estrangeiros que se encontra no periódico.

No dia antecedente os desembarcadores dos caminhos de ferro tinham estado cheios de viajantes que chegavam aos milhares pelos trens ordinarios e extraordinarios. Pelo caminho de ferro do norte tinham chegado mais de 5:000, pelo do este mais de 3:000. Os vapores de Rotterdam, Hamburgo, Amberes, Hull, e Edimburgo tinham trazido um numero consideravel de passageiros. O *Times* calcula em 50:000 as pessoas que entraram em Londres no dia 30 de Abril.

A scena que se passou toda a manhã do dia primeiro em Hyde-Park é indiscriptivel, segundo os jornaes inglezes. A multidão era tão consideravel que parecia um immenso enxame de abelhas gigantescas das quaes o palacio de cristal representava a colmea. Os soldados e a policia nada podiam contra aquella massa vivente, que atropellava todos os obstaculos, como se a vida de cada um daquelles seres humanos dependesse da sua entrada no interior do palacio. Por fim a torrente teve que demorar-se porque em Hyde-Park já ninguem cabia.

Dentro do palacio de cristal não se penetrava com menos difficuldade, apesar de que unicamente se tinha permitido a entrada aos que tinham comprado bilhete para toda a época da exposição. A policia tinha determinado prudentemente que primeiro só entrassem as senhoras, e os cavalheiros depois.

Quando já se não podia penetrar em Hyde-Park, a multidão estendeu-se até ao palacio de Bucbingham para vêr na sua passagem a rainha e a sua comitiva. Por toda a parte não se via mais que um mar de cabeças de chapéos de homens e de senhoras.

Os guardas *corps* e de policia não conseguiram senão com muito trabalho abrir passagem para as carruagens da rainha. A comitiva real compunha-se de 7 ou 8 coches, e não se parecia com os que o povo de Londres vê nos dias da abertura do parlamento. Hia a musica, mas não se ouvia. As carruagens, mesmo a da rainha, eram só puchadas por uma parelha.

S. M. hia acompanhada pelas pessoas do seu serviço e por algumas damas da comitiva da princeza da Prussia.

A rainha foi saudada no seu transito por immensas aclamações. Ao meio dia em ponto entrou S. M. no palacio de cristal. Tomo[u] assento no throno que lhe estava preparado sobre um tablado, e á direita e esquerda se collocaram o arcebispo de Cantorbery, os ministros e altos empregados do estado e o embaixadores e ministros estrangeiros em traje de cerimonia. Os coros entoaram o hymno nacional *Goe save the queen*, depois do que o principe Alberto foi reunir-se á commissão, e á sua frente entregou a S. M. um relatorio dos trabalhos da mesma commissão, e o cathalogo dos objectos expostos. S. M. agradeceu á commissão tendo uma resposta que lhe entregou sir Grey.

O principe Alberto tornou a collocar-se ao lado da rainha, e então o arcebispo de Cantorbery recitou as preces convenientes para pedir ao Omnipotente a benção sobre a exposição. Os coros dirigidos por sir J. Sishop, acompanhados a orgão executaram a antiphona *Alleluia*, tirada do Messias de Haudel.

A rainha visitou depois a exposição marchando a comitiva na ordem seguinte:

Os *arautos*.

Mr. Kendernon, empresario, José Paxton, architecto que construiu o palacio de cristal, e M. Tox, empresario.

Os intendent das obras, os membros da comissão de construcção, os commissarios dos paizes estrangeiros, collocados por ordem alphabetica, e os secretarios da comissão regia.

Os commissarios especiaes, e os commissarios da rainha.

O mestre de ceremonias.

Os embaixadores e ministros estrangeiros.

O duque de Welligton, general em chefe, o marquez de Anglesey, os ministros da rainha, o bispo de Londres, o arcebispo de Cantorbery e os empregados da casa real.

O principe Alberto com o uniforme de feld-marechal levando pela mão a princeza real.

A rainha levando pela mão o principe de Galles.

S. A. o principe da Prussia, o principe Henrique dos Paizes Baixos, o principe Eduardo de Saxonia-Weimar, a duqueza de Kent, a princeza da Prussia, a princeza Maria de Cambridge, e o duque de Cambridge[,] damas, empregados etc.

A rainha declarou aberta a exposição, o que foi annuciado ao povo de Londres por salvas d'artilheria. Depois foi S. M. para o palacio de Buckingham, com a mesma comitiva, e com iguaes aclamações.

TEXTO 11: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 38 (29.5.1851), pp. 446-447

[O economista francês Adolphe Blanqui (1798-1854) passou em revista a Exposição para a imprensa do seu país, destacando a maquinaria apresentada pelos anfitriões, as suas matérias-primas e os produtos da sua indústria (cf., *e.g.*, texto 13 *infra*). O leitor português obtém uma percepção diferida do evento. Em boa medida, é pelos olhos de Blanqui que este semanário examina as representações de países e regiões como a França, a China, a Turquia, a Espanha, a Áustria e o próprio Reino Unido. Destacamos dois trechos das correspondências do académico francês: o presente texto incide sobre os produtos do Reino Unido, país que nos interessa sobre os demais e que constituía, obviamente, a presença mais marcante na *Great Exhibition*; o texto seguinte versa sobre a Índia, representante apreciado de um universo exótico que se tornava presente à Europa por intermediação – e dominação – britânica.

Merece realce a ideia de que o desenvolvimento técnico-industrial do Reino Unido tem repercussões na esfera social e do consumo: os produtos são manufacturados em grande quantidade e tornam-se, por isso, acessíveis a muita gente – é o início da democratização do consumo, que noutros países não se verifica. Quanto à qualidade desses bens, Blanqui ora elogia o seu acabamento, ora afirma que em matéria de refinamento e gosto os produtos franceses lhes são superiores.]



[...]

Quanto mais se estuda no palacio de cristal, a parte destinada á industria ingleza, tanto mais se conhece que os inglezes não omittiram coisa alguma para apparecerem com todas as suas vantagens neste memoravel torneio; apresentaram-se em estado completo, armados com todas as peças. Só elles, talvez, entre todos os concorrentes, estão em circumstancias de serem julgados sem appellação, porque fizeram valer todos os seus recursos, sem reserva. Os mais declarados proteccionistas, que mais combateram a idéa da Exposição, uma vez decidida esta, não trataram senão de figurar nella nobremente.

Já temos dicto que os inglezes tomam metade do campo de toda a exposição, e que se collocaram methodicamente n'uma ordem admiravel. Todas as suas maquinas funcçionam hoje n'uma serie de corredores onde o vapor chega por baixo do chão para as pôr em movimento. Ou por medida de economia ou para evitar a bulha espantosa de tantas maquinas a trabalhar, cada uma só recebe o vapor por intervallos, todavia mui proximos, de modo que uma parte dos aparelhos descansa em quanto a outra funcçiona. Os contramestres dão ao publico a explicação dos processos: alli se fia, tece, borda, se fazem meias, filó, fitas, estofos: é uma verdadeira encyclopedia industrial em acção. O vapor tanto chega ás maquinas da força de vinte cavallos como a pequenos modelos do tamanho de uma meza de jogo. Não passeis desattento por deante desses inumeraveis instrumentos de producção; não ha um só que não apresente algum novo melhoramento, ou algum aperfeiçoamento nas miudezas de sua composição.

Nenhuma nação europea, mesmo as que sobresaem na construcção das maquinas, offerece uma collecção tão brilhante e tão completa como a Inglaterra. Em verdade, os inglezes neste ponto estão no seu terreno natural: as suas prensas hydraulicas, as suas locomotivas, as suas maquinas de vapor adaptadas á navegação, excedem todas as proporções conhecidas. Expozeram *rails* batidos de caminhos de ferro, de 20 metros de comprido e inteiriços; varas de ferro forjado de redouças para maquinas da força de 800 cavallos; isto é, instrumentos gigantes de movimento e de producção: os seus guindastes, bombas d'egotamento, carros-wagons, modelos de pontes etc. são de um arrojo admiravel. Não é menos para admirar a perfeição de seus instrumentos aratorios, tão variados e tão diversos dos nossos: á falta de outro estudo, bastaria o destes instrumentos para provar quanto a sua agricultura está adiantada e é digna da sua industri[a]. A sua superioridade manifesta-se de um modo ainda mais saliente em todas as obras de fundição e de cutelaria. O ferro e a fundição, com o carvão de pedra são os elementos da opulencia da nação britannica. Entrae na mais pequena aldêa; em tudo o que nós usamos de madeira; os inglezes empregam fundição ou ferro: as cancellas com que fecham os gados nos campos são miudas grades de ferro. As escadas nas officinas, os encanamentos d'agua, e de gaz, os anteparos das chaminés, os gradamentos dos jardins, as caixas das janellas, os corrimões e as balaustradas de toda a casta, os tectos, as principaes peças de carpinteria, as divisorias, tudo é de ferro nas suas diversas preparações.

O observador illustrado que percorre a exposição nota principalmente a perfeição admiravel das ferramentas daquelle povo desde o machado até a plaina, desde os instrumentos de furar até as limas mais delicadas. As suas obras de serralheria, perfeitamente

graduadas, adaptam-se a todos os sitios e assentam bem segundo as diversas bitolas. As facas, as teouras, as navalhas de barbear, os canivetes, instrumentos indispensaveis no uso da vida, cuja imperfeição nos causa em França diariamente tantos enfados, são alli de uma solidez a toda a prova, e de preço extremamente moderado. A obra grossa de ferro, as quinilherias tambem revelam o preço da materia primaria, e a vantagem do feito.

A nossa superioridade começa logo que se trata de gosto e de objectos d'arte, e essa superioridade, inteiramente franceza, brilha não só em nossa lucta com os inglezes, mas tambem com todas as outras nações. A forma, a elegancia, a graça, o não sei que, o que dá vida e alma á materia, aroma ás flores, colorido aos objectos, eis o apanagio incontroverso do genio francez. Sob esta relação, affouto-me a dizer-lo despido de preocupação patriotica, a nossa exposição é de offuscar tudo, posto que incompleta. A questão de preço, a questão de trabalho, de economia politica, virá mais tarde e nós a discutiremos com e contra todos; mas a questão de arte e de gosto, essa grande demanda que se podia perder, está ganha sem appellação, pelo testemunho de todos os nossos rivaes.

[...]

TEXTO 12: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. III, n.º 40 (12.6.1851), pp. 469-470

[Ainda das correspondências do francês Blanqui, que a *Revista* transcreve livremente, os apontamentos sobre a delegação indiana, mundo admirável que por intermédio do Reino Unido se dá (de novo) a conhecer ao Ocidente, conferem à visita do evento de Hyde Park um carácter de experiência cosmopolita. O alcance civilizacional e enciclopédico da Exposição *universal* passa também por aqui, como passa o esplendor do Reino Unido como potência colonial, conseguido à custa da exploração dos indígenas.]

Londres 18 de Maio. – «Não posso deixar de ainda vos entreter, senhor, com a exposição dos productos da India britannica. É um mundo industrial novo para nós, até pela sua antiguid[a]de, que remonta aos tempos heroicos, e pelo seu character de originalidade que não tem parceiro. A companhia ingleza das Indias gastou mais de trezentos e vinte contos para comparecer dignamente nesta grande federação das nações; quiz que o seu imperio de 150 milhões de subditos fosse representado como cumpria, e conseguiu-o perfeitamente. Desde o começo da Exposição vemos todos os dias apparecerem productos novos, uns mais admiraveis que outros, e que attrahem em summo gráu a attenção dos visitantes. A arte indiana merece, com effeito, esta preferencia, por quanto não tem outra com a qual se pareça. Não tem a extravagancia do gosto china, nem a regularidade grega e romana, nem a vulgaridade moderna; é uma arte em separado, consequente comsigo, mais sobria do que se pensa até nos seus desvios, e que mostra nunca ter variado, nem tomar coisa alguma da arte alheia: na ceramica (olarias) é cheia de graça e simplicidade; as

curvas são de natureza ondulosa, maneavel e flexivel, como as roscas da serpente, e são tão ricas e variadas em loiça grosseira como fina. Contam-se neste ramo milhares de modelos, que não deixarão de ser imitados em França, porque os nossos fabricantes tem alli á vista a Índia inteira.

Evidentemente, a arte de tecer os estofos chegou naquelle paiz a um estado de grande adiantamento. Sem fallar nos chales de cachemira que se tornaram typos do genero, tudo o que a companhia das Índias expoz parece uma collecção de obras primas. Cassas bordadas de oiro, lenços variegados de mil cores, lustrosos cintos de exquisito gosto, tapetes de mesa esmaltados de flores, tecidos de toda a especie ondeados de verde esmeralda, mantos, estofos para armações, lenços de odaliscas em xadrez miudo de um vermelho brando, entretecidos de prata, em summa todos os matizes que a natureza prodigalisou ás azas dea [sic] borboleta se encontram nesta collecção indiana, qu[e] só uma companhia tão poderosa como a das Índias po dia [sic] reunir por suas ordens soberanas; o oriente em pezo accorreu á sua voz.

Nada alli falta. Todas as profissões do paiz figuram na imagem das pessoas que as praticam: pobre gente, vestida á mercê da benignidade do clima, alimentada com um punhado de arroz, alojada habitualmente sob a abobada do firmamento ou as copas das arvores, paga sabe Deus como! Nós os vemos nas attitudes do seu trabalho, com as ferramentas nas mãos; vivem realmente á nossa vista. Nem esqueceram á companhia os instrumentos de musica, delicias daquella gente, e que me fazem arripiar. Vinde ver isto, Auber<sup>30</sup>, e achareis talvez alguns novos meios de acustica em certa especie de cymbalo de vinte discos enfiados pelo centro em roda de um grande circulo de 4 palmos e meio de diametro; nos pequenos timbales que resoam ora em tom acre ora suave, e nos mandolinos primitivos de cordas de cobre doirado.

Éis as sellas dos elefantes, as cangas para os mariolas, os palanquins que transportam os ricos. Toda esta extraordinaria civilização se explica ás mil maravilhas pelas suas obras: luxo e indigencia a resumem em duas palavras.

Aqui se ha de estudar a historia da India antiga e moderna: ella se completa pelo quadro de todas as artes uteis; e o mundo oriental parece ahi viver com a sua vida usual, tão singular, pezada e monotona.

Não vos fallo dos diamantes, perante os quaes a chusma dos visitantes se embasbaca; pensae que caso se deve fazer dos contrastes do afamado *Guinor* [sic] que discorrem assim. – «O diamante custou um milhão ha tantos annos; se esta somma fosse accumulada com os juros representaria hoje 50 milhões; logo o diamante val esta quantia.» – Não admittimos tal arithmetica, nem tal economia politica. Os diamantes me pareceram sempre a coisa mais parva e mais inutil, postoque as mulheres os cobiçam como supremo ornato; pela minha parte, prefiro o aphorismo hespanhol: *ás moças amor, ás velhas respeito*: são coisas incomparavelmente menos caras!

---

<sup>30</sup> Trata-se do compositor francês Esprit Auber (1782-1871), cultor de diversos géneros instrumentais e da ópera cómica.

Insisto no merecimento especial da collecção indo-britannica, porque produziu grandissima sensação em todos os industriaes e é digna de serio estudo na época de transição em que nos achamos. O interesse que excita, augmenta diariamente á vista das maravilhas que se contemplam como uma verdadeira revelação dessa arte antiga e original. Com tudo é de receiar que a nossa industria pouco se possa aproveitar das amostras colligidas pela companhia das Indias orientaes, porque não ha meio de obtel-as.

[...]

TEXTO 13: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. IV, n.º 1 (14.8.1851), pp. 4-5

Apparecendo em fim nos jornaes francezes nova carta de M. Blanqui, do Instituto, appressamo-nos a publical-a. É datada de 14 de Julho ultimo.

«As minhas precedentes terão habilitado os leitores para formar opinião sobre o caracter geral da Exposição Universal.

Todos agora concordam no ponto que eu fixei logo nos primeiros dias de meus estudos, isto é, que a lucta do mundo industrial só existe em realidade entre a França e a Inglaterra, e que as demais nações só tem assistido como espectadoras a este memoravel torneio.

A India ingleza, a China, a Turquia compareceram representando o passado, e a Russia, a Australia, e os Estados-Unidos, annunciando o futuro. Porém, a verdadeira contenda fabril, torno a repetir, é entre a França e a Inglaterra, tendo por auxiliares e padrinhos a Allemanha, a Suissa, a Belgica, a Hespanha, a Italia, potencias mui intelligentes, mui adelantadas, mui attentas ao terreno.

Temos visto quaes eram os caracteres distinctos da superioridade franceza. Exposemos como os nossos operarios, sempre artistas, até nos objectos mais vulgares, sendo os mais habeis sapateiros assim como são os primeiros fabricantes de sedas, sabiam dar á materia formas elegantes e compensar pela graça inimitavel do trabalho o que por ventura lhe falte pelo que toca á ferramenta, á organização economica e a capitaes. O simples resumo da exposição ingleza rematará este paralelo, que deixará de ser possivel sobre as mesmas bases dentro em poucos annos, se a França adquirir o capital e a Inglaterra a elegancia, para o que estas duas nações caminham com passo desigual mas continuo.

Tem sido bastante censurada a Inglaterra por ter feito para si o que se chama partilha do leão, pelo menos quanto ao espaço, porque occupa exactamente metade de todo o destinado á exposição universal. Mas não se tem reflectido que essa metade foi tão bem recheada que em verdade não ha motivo para queixa, e vendo-se os espaços vacios mal disfarçados nos lotes das outras nações, pergunta-se o que fariam ellas de mais amplo espaço, se lho tivessem concedido. Demais disso a Inglaterra estava em sua casa, e era natural pensar que a sua modestia não chegaria ao ponto de apparecer desalinhada n'uma festa industrial a que convidava o mundo inteiro. Não faltariam então maiores clamores de que era uma cilada, e de que a Inglaterra convidára os povos para roubar-lhes os segredos, ao passo que escondia os seus.

A Inglaterra nada occultou: expoz os productos proprios e as materias primas das suas colonias, dispoz esta immensa encyclopedia n'uma ordem admiravel, a ordem que reina em a sua industria como em a sua politica, como na sua sociedade regrada donde tem sahido tantas maravilhas. Poz tudo patente, publicou tudo, até as menores particularidades dos seus processos, de suas operações: forneceu todas as plantas, perfis, e desenhos de suas forjas, e descobriu á vista de todos até as phases mais minuciosas de suas explorações subterraneas; acham-se no palacio de cristal amostras de todas as minas de carvão, de ferro, de cobre, de estanho que ella possui em ambos os hemispherios. A rainha e as principaes personagens do reino não tiveram por desdoiro fornecer o seu contingente, e figurar na primeira classe entre os expositores.

Póde, pois, contemplar-se pela primeira vez o panorama da industria ingleza e correr com a vista até os menores meandros desse rio immenso que leva ondas de ouro e de riquezas: a fonte é agora visivel, e conhece-se, sem a menor duvida, o segredo dessa producção colossal que fez a Inglaterra o paiz mais florescente do mundo. É da perfeita intelligencia que reina entre o capital e o trabalho que procedem tantas maravilhas; é pelo mutuo apoio que se prestam, em vez de perder o tempo em luctas rancorosas, que os seus esforços communs deram em resultado a creação de productos que são hoje a admiração de todos os povos.

A industria metallurgica é o ponto de partida desta opulencia sem igual. Os seus materiaes elementares não são bellos e attrahem pouco a attenção do vulgo; porém, os inglezes de nenhum se esqueceram, e é curioso vêr os homens especiaes percorrerem silenciosamente, de caderneta na mão, as galerias que não contém senão estas amostras de tão pouca apparencia e de *tanta realidade*. Abri o catalogo ao acaso: – areia encarnada de Collinson, para fundidores, produzindo as mais bellas fundições; areia de Reigate, mui procurada para a fabricação do vidro; specimen de areia branca em Tamworth, empregada mui vantajosamente no cristal; Kolin (barro de porcelana) de Martyn para as loiças de Straford; argila de Truro propria para formar os fornos, louças de Killaloe, granitos de Escocia, marmores de Portland, porphydo de grão brando de Newquay para revestimento de fornos etc. Não ha uma só destas amostras de areias ou terras que não seja origem de consideraveis riquezas, que não dê occupação a milhares de braços.

Tal é o aspecto severo da parte fundamental da industria ingleza, que se completa nos outros seus elementos pela mais bella collecção de metaes que existe no mundo, e de productos metallurgicos simples ou compostos, distribuidos por ordem methodica e facil de estudar. Mineracs de ferro, de cobre, de estanho, de manganese; ferro, fundições, aços de todas as proveniencias e de todas as dimensões, carris de caminhos de ferro, armações de leito, tornos, cadeias continuas ou á Vaucanson, ancoras de navios, martellos, maços, nada falta. Em seguimento a essas materias primeiras ou elaboradas, dilata-se como um immenso parque de artilheria, o arsenal inteiro das maquinas, cuja nomenclatura circumstanciada exigiria só per si mais de um volume, e que estão todas postas em acção, como já disse, por meio de depositos de vapor collocados da parte de fóra do edificio.

Esta encyclopedia viva e activa, servida por operarios das diversas provincias e das diversas corporações, com os trajos de suas terras e de suas profissões, excitou uma sensação extraordinaria. Deu ao publico uma idéa mui elevada da industria ingleza, que todavia não se deve comparar ao aspecto sombrio e silencioso das outras maquinas europeas,

condemnadas á immobildade: os grandes apparatus de MM. Derosne e Cail para o fabrico do assucar, os de M. Chappelle para o do papel continuo, as nossas bombas, os nossos apparatus de distillar, se podessem funcionar na exposiçãõ de Londres não teriam produzido impressãõ menos viva; mas, evidentemente não se pôdem comparar em numero e deixam muito a dezejãr pelo que respeita a variedade.

As maquinas agricolas inglezas, sobre tudo, revelaram ao mundo um systema completo de meios de que ninguem mostrava ter o menor conhecimento, e que provam todos os recursos que, neste paiz, a cultura deriva da industria fabril. É evidente que os inglezes preparam ou para melhor dizer vão effectuando, ha pouco tempo, uma verdadeira revoluçãõ na arte de cultivar a terra; tratam-na com desvelos e melindres infinitos. Compreendem muito que ao cabo de tudo e apesar de suas tendencias industriaes e commerciaes, a terra sempre é a base mais solida de toda a prosperidade, e dir-se-hia que para ella é que fazem trabalhar as suas forjas e os seus navios. Não podeis imaginar a que auge tem subido o seu cuidado neste ponto. O maquinismo a vapor decididamente apossou-se do dominio agricola, e já começam a debulhar trigo, cortar palhas, puxar a charrua, construir os canos de *drainagem* (exsicamento do solo), com maquinas a vapor portateis da força de alguns cavallo. Assisti no Shropshire a experiencias curiosas de cava mechanica, que estão em caminho de bom exito.

A variedade dos bellos instrumentos de agricultura é superior ás mais atrevidas hypotheses, e só ella seria bastante para attrahir a Londres todos os agricultores da Europa. Com o soccorro daquelles emgenhosos auxiliares os inglezes triumpharam a pouco e pouco de todos os obstaculos do seu clima, do seu torrãõ, e mesmo de todas as concurrencias que lhes acarretou a reforma economica. Conseguiram alinhar as espigas do trigo, como os hortelões mais destros fazem ás latadas de legumes nas hortas: fazem brotar os trigos como querem na aresta dos regos em os terrenos humidos e no fundo dos regos em os terrenos enxutos; em breve farãõ quanto quizerem da natureza amoldada, obediente ás suas ordens, como um servo habil e disciplinado: não me cançarei de convidar os agricultores francezes a fazer viagens pelos grandes condados agricolas da Inglaterra, o Norfolk, o Yorkshire, o Shropshire e a Escocia. Quem pôde prever qual será o futuro da nossa terra de França cultivada segundo a arte ingleza? Ide alli, e examinae o que virdes.

Apoz as maquinas em ponto grande e as maquinas agricolas vem os instrumentos de *precisãõ*; a Inglaterra de certo expoz bellissimos; mas os nossos os excedem; e desde os chronometros até os pharoes, desde os oculos até os pianos e orgãos mantemos nossa primazia nas sciencias como nas artes. Devemos sómente advertir os que julgassem poder deitar-se a dormir com uma segurança fallaz, que se M. Freiner creou uma eschóla de construcção de pharoes, eschóla toda franceza e temporariamente sem rival, os inglezes por seu turno tambem agora se fizeram mestres nesta arte difficil e caminham já quasi a par de nós.

[...]

A Inglaterra offerece principalmente estudo interessante aos francezes em todos os ramos da industria dos tecidos, em que ella aspira a dominar como soberana. Já se disse quanto havia a dizer da sua superioridade na fiaçãõ e tecelagem do algodãõ, na qual tem desenvolvido um vigor que parece dever chegar aos extremos limites. É necessario vêr os seus teares mechanicos para formar justa ideia do que é hoje esta industria.

[...]

TEXTO 14: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. IV, n.º 5 (11.9.1851), pp. 49-51

[A *Revista* colige neste número dois artigos do *Morning Chronicle* que fornecem um olhar britânico sobre a participação portuguesa na Exposição e o potencial económico do nosso país. O tema do declínio de Portugal no século XIX é aqui glosado, a par da ideia de que a participação lusa na *Great Exhibition* indicia que o País irá recuperar do seu apagamento. Na parte elidida há referências concretas a produtos cerealíferos e hortícolas; a outros produtos vegetais que constituíam matérias-primas da indústria têxtil; a produtos desta última, bem como da marcenaria, flores artificiais, olarias e cristais. Por outras palavras, são examinadas as riquezas que Portugal tem e que não estão suficientemente exploradas. Como reagiria ao tom condescendente de um escrito como este o leitor português comum, que podemos supor admirador do espírito de iniciativa dos Ingleses ao mesmo tempo que ressentido com o seu poder?]

1.º artigo do *Morning Chronicle* sobre a exposição portuguesa. – Em que se tornou essa Betica afortunada de que faz Telemaco tão deliciosa pintura? Como tem descaído em nossos tempos a tanta fraqueza e abatimento a Lusitania, patria de Camões, de Vasco da Gama que teve a honra de ensinar ao occidente o grande caminho marítimo das Indias; esse paiz que soube manter por seculos seu dominio em parte do continente africano e metade do continente meridional da America? – E todavia Portugal moderno não perdeu as vantagens materiaes que a sua situação meridional e marítima lhe affiançara sempre; unicamente, em vez de centuplicar essas vantagens pelo energico desenvolvimento da força moral, a nação portuguesa cahiu no desalento que prostra assim os homens como os povos em certos periodos da sua existencia, abandonou-se ao ruim conselho da apathia e desesperação, n'uma posição invejavel por tantas nações menos favorecidas.

Portugal não tem que desculpar-se, como o restante da Peninsula, com a falta e impossibilidade de communicações internas [...], não tem de galgar como a Hispanha desde o Oceano até Madrid, tres cordilheiras de serras, quasi a distancia egual umas das outras; a sua capital não é situada á beira de um rio *inaquoso*, como a metropole castelhana: cinco grandes rios navegaveis, o Têjo, o Douro, o Mondego, o Minho, e o Guadiana, que o atravessam gradualmente na sua largura, o dispensam de estabelecer grandes estradas e caminhos de ferro.

Que meio de transporte mais economico e mais seguro poderia desejar um paiz do que essas grandes arterias sem cessar vivificadas pelas torrentes e as neves das serras hispanholas? Os rios são «caminhos que andam» – como disse Pascal.

Nada veda a Portugal fazer circular no interior, e conduzir ao mar, vehiculo geral do commercio externo, tanto os productos naturaes com que a natureza o dotou largamente, como os productos industriaes que tão facil seria crear pela transformação das materias primeiras, que o seu territorio fornece em tamanha cópia.

Sendo o porto de Lisboa dos mais bellos do mundo, e não obstante o difficil accesso

da barra do Porto á foz do Douro, não seriam sufficientes estas duas estancias maritimas para a centralisação d'um trafico mil vezes mais consideravel do que é actualmente o commercio portuguez?

As nações septentrionaes, Russia, Suecia, Dinamarca e Polonia, justamente attribuem sua pobreza relativa á parcimonia de um torrão que não podem fecundar os raios do sol constantemente baço ou encuberto. Porém, Portugal favorecido simultaneamente pelos calores tropicaes nas praias do mar e nas planicies, por brizas temperadas nas lombas e ladeiras das serras, de que modo poderá dar rasão do grão inferior a que desleixadamente desceu na cathegoria de paiz productor, industrial e commerciante?

Por mais complicada que porventura seja a situação economica de Portugal, cumpre, todavia, confessar que a sua exposição dá positivas esperanças de melhor futuro. Lá estão todos os elementos de verdadeira regeneração industrial, posto que as amostras expostas sejam muito incompletas e muitos productos não estejam alli representados. Portugal decidiu-se muito tarde a mandar o seu contingente á Exposição Universal; quando se resolveu, já os expositores não tinham senão tres mezes para prepararem as suas remessas. É pois o espaço occupado pela exposição portugueza muito mais pequeno ainda que o repartimento reservado quer á Suecia, quer á Dinamarca; mas contém productos infinitamente mais variados que os dessas nações septentrionaes.

As amostras de mineraes, por exemplo, são mui numerosas: infelizmente, a maior parte das minas donde se extrahiram, estão por explorar, em parte por incuria, e ainda mais por falta de capitaes sufficientes para os adiantamentos assaz consideraveis, que sempre exige a abertura de uma mina em um paiz para onde os aparelhos mechanicos devem vir de fóra, e ser transportados com grande despeza ao local da exploração. O monopolio que o Estado faz neste ramo de industria é sem duvida uma das causas que obstem a que a mineração e a metalurgia recebam no mesmo paiz todo o desenvolvimento a que poderiam chegar; porquanto não faltaria o combustivel fossil em auxilio da industria, uma vez que se dêsse o primeiro passo na pesquisa e lavra dos thesouros metallicos, que de certo o solo portuguez encerra. E não seriam então providos, pelo uso daquelle combustivel economico, de um motor, que lhes falta hoje, os aparelhos da lavra de minas?

Bastaria talvez o generoso impulso de um só homem para pôr em acção o movimento industrial que restituiria em breve commodidades e animação a povos desfallecidos na mingua e ocio, por não haver quem saiba tomar a iniciativa dessa regeneração.

[...]

Em summa, nada symbolisa melhor o estado actual de Portugal do que o diamante bruto, que faz parte das joias da sua corôa, e do qual acha-se o modelo na exposição, entre os productos da ourivezaria britannica; é o mais volumoso que existe no mundo; o seu valor relativo é de 125 milhões de francos (50 milhões) pelo menos<sup>31</sup>; mas ainda não o despojou da sua capa terrea o lapidario. Seria curioso calcular o capital que representaria hoje aquelle seixo perfeitamente inutil, se tivesse sido vendido immediatamente depois do seu

---

<sup>31</sup> Em tudo isto parece-nos haver engano e exaggeração. (*Nota do original.*)



descobrimto. A enorme quantia procedente desse calculo daria a idéa das immensas perdas, que são resultado diario da apathia industrial e commercial em que Portugal tem cahido. Felizmente a exposição deste paiz, cujas partes principaes analysamos summariamente, indica que já se desperta a actividade de que se podem esperar excellentes resultados.

TEXTO 15: *A Semana*, Vol. II, n.º 30 (Setembro de 1851), pp. 333-336

[*A Semana* publicou dois textos interessantes sobre a Exposição. O primeiro, assinado por Augusto Magno de Castilho, é uma carta de Londres (Vol. II, n.º 26 (Agosto de 1851), pp. 289-292) que traça um roteiro pelo Palácio de Cristal, exprimindo fascínio perante o edificio e o excepcional concurso de objectos expostos. Não reproduzimos esse texto porque o seu teor coincide com o de outros aqui incluídos. O segundo é este, da pena de António Feliciano de Castilho, que não visitou a Exposição (era cego, aliás) e se reporta implicitamente à descrição feita por Augusto Magno. Focando a face obscura da sociedade industrializada, as misérias e os sofrimentos que diz acompanharem o progresso, este artigo oferece uma perspectiva muito invulgar. Se no Palácio de Cristal a indústria se manifesta como uma divindade, António Feliciano é claramente um incrédulo. Não admira. Ao autor de *Felicidade pela Agricultura* não podiam ser simpáticos certos aspectos da modernidade que a Exposição representava. Pelo contrário, é apresentada a ideia de que «A nossa terra com o seu povo, e o nosso povo com a sua terra, valem muito [...]» (p. 336), faltando apenas homens competentes para guiar a nação, de uma forma que seja caracteristicamente sua, a um esplendor que já teve e cuja nostalgia se sente.

Ao mesmo tempo, Castilho vinca a transitoriedade dos impérios. Sugere mesmo que eles constituem realidades violentas e perversas, sendo a Exposição, portanto, um evento imoral, além de vão. Trata-se talvez de um desdém suscitado pelo despeito de o Reino Unido ser a grande potência que Portugal já não é. E a ideia de que Paris é a cidade triunfadora da Exposição indica uma galomania perfeitamente despropositada.]

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL

SOLATIA VICTIS.

Ovidio, fallando daquelles triumphos esplendidissimos da sua Roma, exclamava: *Temos o mundo na cidade. Orbis in urbe.*

Era jactancia de romano e hyperbole de poeta? á fé que não. Os bairros da immensa metropole com rasão se chamavam *regiões*. Pelas margens daquelle Tibre, pelos recostos

e cumes daquelles sete montes triumphaes, brilhava ao formoso sol de Italia, rumorejava como sons vastos e profundos de Oceano, espalhados pelo vento dos Apeninos até aos confins da terra, convivia n'um concerto voluptuario e maravilhoso, tudo o que a natureza e os homens tinham sabido produzir no restante mundo, e que a aguia sem depôr o raio tinha trazido empolgado para o seu covil imperial.

[...]

Na pompa dos triumphadores se levavam para lisonja do povo-rei, os povos vencidos com as suas armas, os reis captivos com as suas lagrimas, os animaes, as arvores dos territorios conquistados, e até, em imagens, as cidades, os rios e as montanhas! As delicias do viver romano enviava-as Athenas em estatuas e musicos. Cadiz em dansarinas; os Seres em sedas; o Egypto em linhos não menos preciosos[;] Sparta em athletas; Sicyone em cavallos; o Ganges em perolas; o Norte em formosas; a Numidia em leões; a terra toda em victorias, em escravos, em lisonjeiros, em invejosos, em torrentes de oiro, de purpura, de prata, de ferro, de marmores, de gemmas, de fragrancias, de sabores, de deuses para as paixões, de artifices e operarios para os monumentos, para os vicios e para os regalos.

Era uma 'exposição universal', permanente, e universalmente visitada.

Mas a lança do Marte romano quebrou-se; o raio do Jupiter capitolino, e o fogo de Vesta apagaram-se; o homem silvestre do norte destruiu todos os doze ancilios de Numa; e Roma, semelhante a Tarpeia, não sonhando, não pedindo senão riquezas, expirou na ignominia, enterrada sob o peso das armas inimigas.

A historia dos povos é triste!

Outros imperios anteriores a Roma, e de que apenas resta o nome, tiveram tambem, pela espada e pela politica, ou mais ao certo, pelo concurso incalculado e providencial das coisas, a sua era de absorpção energica; e nesses dias de fugitiva gloria poderam com a exposição das suas capitaes, excitar invejas e assombros. Passaram tambem esses. Foi Babylonia; foi Persepolis; foi Memfys; foi Palmira; foram imperios, nem já lembrados, sobre os quaes ha milhares de annos dominam feras e selvagens do novo mundo, por entre florestas reputadas primitivas!

Nós mesmos tivemos tambem já a nossa grande exposição, as nossas vassalagens e pareas de muito mundo, o nosso deliciarmo-nos de romanos. Os nossos portos, as nossas, [sic] feitorias e praças, as nossas ruas e poisadas, alardeavam as mercancias, os rostos, as cores e as fallas, as modas e as noticias das quatro partes do mundo. Bandeiras de todas as cores cobriam o Tejo com a sua sombra; moedas de todos os cunhos circulavam pelas aldêas mais serranas; a artilheria portugueza retumbava por todos os mares, e o nome de Portugal pompeava entre os mais illustres.

Como Roma jaz, jazemos nós!...

Tudo isto foram espectaculos de exposição, mais ou menos universal, mui blazonados, mui cubiçados, e aos olhos attentos da historia, mui cheios de grandes lições politicas, economicas, moraes e religiosas.

Outro é o caracter da 'exposição universal'[.] com que Londres nesta sua hora se vangloria. Não é a conquista, é a sociabilidade; não é a força bruta, mas o trabalho da intelligencia, a absorpção e a diffusão combinadas no mais alto ponto. O 'palacio de cristal', a cidade de christal, a Babylonia de cristal, congrega fraternalmente os productos e os

filhos de todos os paizes; diz e mostra tudo a todos sem distincção; a todos estimula e fecunda com egualdade. Pela primeira vez de sua vida, a soberba ingleza, sem deixar de o ser, antes por ventura requintando, forcejou para fallar a linguagem de seus hospedes. O inglez que no fundo do coração só acredita no seu chilhar antipoetico, rapido, avaro, secco, mercantil, aprendeu hoje a dizer em todas as linguas, e com um sorriso que seria benevolo se não fosse complacencia de vaidade: «*Como achais a nossa exposiçãõ?*» – [«*Admiravel; assombrosa; unica!*» se lhe responde de todas as partes, em todas as linguas, em todos os dialectos, em todas as algarvias immaginaveis.

E realmente é agora que a industria se manifesta como uma divindade; tem um templo immenso de christal e ferro; solido como o ferro, brilhante como o christal; cheio de perigrinos, de oblações, de sacrificios de todo o orbe; um templo, onde o nume se mostra em cada ponto sob uma forma diversa e magnifica; um templo, donde a vegetaçãõ, o aspecto livre dos ceos, do sol, das estrellas, da natureza, não foi excluido; um culto, para o qual não ha atheus, nem incredulos, nem tibios.

Não é tudo. O sanctuario da industria está em Londres, mas o templo estende-se e corre por cima dos mares, desde a Inglaterra até á França. O côro, o hymno, a festa da exposiçãõ britannica é Paris, a grande, a formosa, a gloriosa; é Paris a triumphadora, a quem ninguem odeia; é Paris a Londres da civilisaçãõ, como Londres é a Paris da opulencia; é Paris a capital do continente, quem a celebra. A festa parisiense da industria, não é só um echo magnifico, é uma segunda exposiçãõ, ella mesma, ou antes, um complemento natural, indispensavel da '*Exposiçãõ da Industria Universal*['].

Nós que somos daquelles a quem a sorte negou o poder visitar presencialmente aquelle sanctuario da religiãõ terrestre do seculo XIX, que se estende de Londres a Paris, temol-o visitado em espirito; e sentados invisivelmente nos degraus daquellas fontes collossaes de cristal, por entre aquella selva de columnas de ferro aos milhares, por baixo daquelle firmamento de vidro, por entre aquelle sussurro da linguagem das machinas, dos canticos dos instrumentos, e das interjeições dos homens, temos feito mais de uma triste reflexãõ. O que Volney sentia comparando em Palmyra o passado com o presente, sentimos nós, não só comparando o presente com os futuros possiveis, mas o presente com o proprio presente.

Que significa tudo isto que para aqui convergiu, e cuja somma, como o feixe de raios concentrados no fundo de um immenso espelho concavo, vai deslumbrar e abrasar de invejas todos os paizes do orbe? Tudo isto significa o luxo. Mas o luxo na constituiçãõ actual do mundo significa a miseria. Estes tremós e espelhos para gigantes; estas estatuas para Cressos; estes tecidos para Aspasias; estes pianos de madre perola e tartaruga; estes leitos musicos, valendo a corã de um monarcha; estas cascatas de metaes ricos, golfando repuchos de aromas capazes de seduzir a Sultões nonagenarios; estes theatros para conterem nos seus assentos uma cidade; estas plantas, estas feras, estas aves per[e]grinas, que só um talisman de oiro pôde congregar, e que attonitas, e attonita a natureza, se intermiram umas a outras pela primeira vez; estes banquetes de Apicios e de Lucullos, de continuo renovados aos pés de cada columna; estas lampadas, estes vasos de alabastro, estes fogões de marmore, de aço e de oiro; estas alcatifas floridas de primavera, estes paineis voluptuos[o]s que fallam; estes toucadores ideados por todas as tres Graças, tudo digno das noites amorosas de uma Cleopatra; estas baixelas de Sevres, que tiram o preço ao oiro,

estas armaduras que embelesariam a propria guerra, estes diamantes reluzentes como soes, estas pedrarias renidentes como os sonhos de uma manhã de noivado, tudo isto que enfeitiça, que dá vertigens á rasão, que mostra á humanidade o quanto é grande, e ao homem o quanto é pequeno, que torna a vida commum, dissaborosa, vil, insupportavel, e a dos eleitos do seculo – luxuosa, fulgurante, floridissima, fragrante, e talvez intertecida com mais espiñhos – tudo isto é pois a demonstração palpavel da desigualdade escandalosa dos haveres. Só de cima dos montes da fortuna se pode aspirar a colher estas corporificadas visões dos contos arabes, e os montes grandes da fortuna só se erguem, quando um genio mau e escarnecedor lhes cava em derredor abysmos de miseria; só com o que sahe dos pobres valles circumjacentes é que se avolumam e crescem por entre as nuvens, ceos a dentro, esses cumes da opulencia, soberbos, gelados, estereis, sem musica, sem poesia, e sem inspiração.

Quantos centenares, quantos milhares, ás vezes, de infortunios reaes não são precisos para fazer um desses simulacros de ventura? Depois, perguntai á statistica, a essa inexoravel demonstradora das verdades sociaes, perguntai-lhe em que relação estão o chamado progresso industrial e artistico, por uma parte, e por outra o progresso material, moral e religioso? A statistica vos responderá, que os vicios, que os crimes, causas constantes, e constantes efeitos da penuria, acompanham tão ao certo com o seu crescimento, o crescimento da civilização, como ao elevar-se o calor, se eleva o mercurio no thermometro. Repugnaria acredita-lo, se os factos o não provassem.

Depois, a 'exposição universal' não tem só os productos, ostenta e alardêa, ainda com mais emphase, os obreiros de ferro e aço, os gigantes improvisadores do trabalho, os feiteiros incansaveis e immortaes – as machinas. Estes entes, que o homem, á imitação de Prometheu, animou com o fogo e prendou com o seu proprio engenho; cegos, que parecem ver; surdos-mudos, que parecem ouvir e responder pontuaes ás mais leves ordens; acephalos, que tudo sabem, tudo calculam, tudo fazem, tudo aprimoram; estes monstros estereis, que a todos os momentos concebem e produzem; estes genios, estes demonios corporificados, que uns a outros se fecundam e multiplicam, que de dia para dia vão senhoreando todas as industrias; que já povoam cidades, e que se denunciam, de longe, por um ceo denegrado, sem estrellas nem sol, por um rugir perenne como de vulcões, e de perto, por um cardume de espectros humanos, devorados da fome ás portas de erarios privados, nus ao vento e ás neves, em face de armazens abarrotados até ás abobadas, e chegados pelo amor dos filhos, pela dura pharaonica dos monopolisadores, pelo desconhecimento da Providencia, aos vicios, como imbrutecimento; aos crimes, como tentativa; ao infanticidio, como piedade; ao suicidio, como remedio; as machinas, as machinas, as machinas (digam o que lhes aprouver economistas subtilisadores, prophetas de uma futura idade de ouro) são, na presente constituição da sociedade, uns salteadores *patentados*, uns potros de martyrio lento para innocentes, uns dissimuladores de corrupção em ambas as oppostas fortunas. As familias no trabalho, em quanto havia trabalho para as familias, em quanto os homens não quizeram annullar a sentença de Adão cantavam e oravam; as machinas no trabalho rugem como feras, e se passa o mendigo clamando pão! pão, pelo amor de Deus! encobrem-lhe a voz, que o não oiçam, se no seu desamparo ajoelha apertando as mãos, e alçando os olhos, interpoem entre elle e o ceo, a sua fumarada como por escarneio!

Mente o titulo da ‘Exposição Universal!’ Os productos industriaes e as machinas não são tudo o que se havia de mostrar, para ensinamento. Por que rasão deixou Londres de distribuir por entre aquellas machinas, os montes de cadaveres das suas victimas? Por que não dispoz artisticamente por entre esses leitos de milhões, e esses toucadores fabulosos, os cardumes de donzellas que a miseria perdeu e devorou? Por baixo desses lampadarios de mil lumes, e ao lado desses fogões deliciosos, as creancinhas que choram todo o inverno sem lume nem luz, a quem nunca se fallou n’um Protector Celeste, e que se lhes falassem n’elle, não saberiam entende-lo? Mostraste-nos os palacios de christal, mostrai-nos o interior das vossas minas. Alardeaste-nos as colleções de monstros marinhos e terrestres, não nos sonegueis os vossos milionarios esterilisadores, os vossos politicos egoistas e fallazes. Admirâmos sobre o seu cavallo que vale uma provincia, a vossa graciosa rainha de porcelana, com as rosas na mão e o sorrir nos labios; disponde em bellos grupos á roda dessa estatua, os seus subditos da Irlanda, para lhe fazerdes realçar a magnificencia e a alegria... Assoalhai tudo isso, e tudo mais que ainda escondeis, e tornai a perguntar então em todas as linguas ‘*Como achais a nossa exposição?*’

– «Unica, unica» se vos responderá em todas as linguas, em todos os dialectos, em todos os *patois*, em todas as algaravias imaginaveis.

Calumniariamos? Não. É ainda a estatistica, a inflexivel historiographa, quem aos vossos registos da industria crescente contrapõe os seus registos da crescente desmoralisação, da crescente miseria, do crescente diluvio que já por baixo tem começado a affogar o vosso mundo. Triumphai hoje com essas pompas mentirosas; a palavra final do enigma está escripta, e quando o tempo quebrar os sellos ao livro, ha de se ler, e o genero humano ha de ter mais uma lição, que, assim como as precedentes, por ventura lhe não aproveitará.

Oh! não invejemos a ‘Exposição Universal de Londres!’ Não abaixemos os olhos córando, quando esses vaidosos passeadores do palacio de christal, passam rindo do diamante Koh-i-Noor, que vale vinte e dois milhões de cruzados (isto é, que vale zero) para o humilde pote de azeite de Portugal, assente em peanha de pau, sem preço, e enviado por um portuguez [...] que tambem sabe a industria, que tambem a exerce, que tambem é opulento, mas que entende como portuguez, como homem de bem e illustrado, que é do solo da patria que só nos pode vir a salvação.

[...]

TEXTO 16: *Revista Universal Lisbonense*, 2.<sup>a</sup> série, Vol. IV, n.º 12 (30.10.1851), pp. 133-135

[Na sua qualidade oficial de secretário da Comissão Régia portuguesa, Ribeiro de Sá dá aqui conta do encerramento da Exposição e dos prémios conferidos aos expositores portugueses (numa longa lista que não transcrevemos). Com evidente mas formal regozijo, ocupa-se sobretudo de exaltar o sucesso da participação lusa, num propósito de autocomprazimento nacional. Uma vez mais, é sensível a ideia

– que se percebe difundida, fosse para ser aceite, fosse para a rebaterem – de que Portugal tem estado mergulhado numa era de apagamento, da qual se julga agora vislumbrar sinais de saída.

Este texto, um pouco encurtado, seguido da referida listagem, aparece também em *A Revolução de Setembro*, n.º 2880 (30.10.1851), p. 2.]

Terminou, finalmente, no dia que estava marcado, 15 do corrente, o espectáculo mais solenne e magestoso, por isso que era util e pacífico, que tem apresentado o nosso século, civilizador por antonomasia. Encerrou-se a exposição da industria de todas as nações.

Às dez horas da manhã todas as portas estavam abertas, excepto as da entrada central da parte do sul, reservadas aos commissarios regios estrangeiros e locaes, aos jurados, e às senhoras dos expositores.

Todos os expositores, os membros da Sociedade das Artes, os presidentes e secretarios das commissões locaes, entravam pelo lado occidental ou britannico do edificio. Os membros das commissões locaes e outros assistentes tinham entrada pela parte oriental.

Ao meio dia em ponto, o principe Alberto chegou ao palacio de cristal ao som das aclamações de todos os circumstantes; fez seus cumprimentos por varias vezes. Vinha vestido á côrte, sem outro distinctivo mais do que a Estrella, e a fita da ordem da Jarreteira. Tomou logar no throno indico, tendo á direita lord John Russell. Estavam presentes o conde Carlisle, o bispo de Londres, e o conde Granville.

O visconde Canning, que presidia ao conselho dos jurados, apresentou á commissão regia as suas decisões, e leu um extenso relatorio sobre os trabalhos dos mesmos jurados, applicando-se principalmente a demonstrar que fôra feita justiça aos expositores de todas as nações, e de todas as classes, não reconhecendo a exposição distincção alguma ou cathogoria de nações. O numero das medalhas de premio concedidas é de 2:918; o numero das medalhas do conselho ou commissão 170; os expositores foram 17:000. O total dos premios, comprehendendo as menções honorificas foi de 5:084.

Eram trinta e quatro as secções de jurados, cada uma com seu presidente, compostas de igual numero de subditos britannicos e de estrangeiros. Os presidentes de todas essas secções formavam uma commissão denominada «*conselho de presidentes*» e dahi vem que os premios conferidos por elle foram denominados «*medalhas do conselho*».

A concessão das *medalhas de premio* teve por bases a excellencia do producto ou da mão de obra, attendendo á utilidade, belleza, barateza e outros elementos de merito conforme a natureza dos objectos. A das medalhas maiores – *as do conselho* – assentou em a novidade de invenção ou de applicação quer nos materiaes quer nos processos da industria, ou na originalidade combinada com a grande belleza do desenho ou risco.

O principe Alberto, depois de haver recebido das mãos de lord Canning os volumosos relatorios dos jurados, dirigiu aos presidentes das secções destes os agradecimentos da commissão regia. Os peritos que foram associados aos trabalhos apreciadores dos diversos jurados, são comprehendidos nestes agradecimentos.

Os commissarios regios (diz o *Standard*) não se limitarão sómente á publicação dos



Cumpre-me tambem levar á Augusta Presença de Sua Magestade, que Sua Alteza Real o Principe Alberto, como Presidente da Commissão Real da Exposição, particularmente agradeceu a cada Commissario estrangeiro a parte que a sua respectiva Nação tinha tomado neste grande facto industrial, cabendo-me a honra de ser encarregado por Sua Alteza Real, de transmittir ao meu Paiz e meu Governo os sentimentos de consideração e de agradecimento que em nome da Commissão Real lhes tributava.

Cumpro estes deveres com a maior satisfação pela gloria e honra que dos premios conferidos resulta para Portugal.

As paginas da historia em que estão registados os grandes feitos dos Augustos Maiores de Vossa Magestade serão gloriosamente continuadas registando os feitos do trabalho que pela protecção concedida pelo Governo de Vossa Magestade á industria fabril e á agricultura illustrem o reinado de Vossa Magestade. Os premios concedidos pelo Jury da Exposição dos productos de todas as Nações attestam que Portugal sabe aproveitar os seus recursos naturaes – que a sua agricultura melhora – e que a sua industria fabril nos primeiros annos de desenvolvimento já veio colher algumas palmas entre os triumphos das Nações mais industriaes; e portanto, sendo uma das mais duradouras recordações da historia industrial portugueza, constituem um dos mais honrosos feitos do trabalho que se póde levar ao pé do Throno de Vossa Magestade. Taes são, Real Senhora, os sentimentos que me animam, tendo a honra de fazer subir á Presença de Vossa Magestade a relação dos portuguezes premiados na grande Exposição universal, como sendo uma prova de que Portugal possui os elementos precisos para na grande e pacifica lucta da civilisação do mundo ter um logar tão honroso como o que, na historia dos mais ousados combates, foi ganho por seus heroicos antepassados.

Deos guarde a Preciosa Vida de Vossa Magestade. Londres, 16 de Outubro de 1851.  
– O Commissario Regio de Portugal, junto aos Commissarios de Sua Magestade Britannica, para a grande Exposição de Londres, *Sebastião José Ribeiro de Sá*.

[...]

*Jorge Miguel Bastos da Silva*